



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 - FONE: 2075-4500

CEP: 01045-903

PROCESSO CEE	616/2000 Reautuado em 01/07/16		
INTERESSADA	Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista		
ASSUNTO	Renovação do Reconhecimento e Adequação Curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017- Curso de Licenciatura em História		
RELATORA	Consª Rose Neubauer		
PROCESS CEE	Nº 574/2017	CES	Aprovado em 13/12/2017

CONSELHO PLENO

1. RELATÓRIO

1.1 HISTÓRICO

A Diretora Acadêmica da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista encaminha a este Conselho, pelo Ofício nº 02/2017, protocolado em 08/02/2017, os documentos necessários para renovação do reconhecimento e adequação curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017, referentes ao Curso de Licenciatura em História – fls.867.

Tendo em vista a nova redação da Deliberação CEE nº 111/12, dada pela Deliberação CEE nº 154/2017, em função da Resolução CNE/CP nº 02/2015, foi baixada diligência para que a Instituição adequasse seus cursos de licenciatura à nova regra. Foram feitas reuniões e contatos por e-mail com a Instituição para orientações quanto às adequações necessárias na planilha. Em resposta, a Instituição, reapresentou a documentação – fls.870-937.

Os Especialistas designados Profs. Drs. Anésia Sodrê Coelho e Paulo Tadeu de Moraes, emitiram Relatório circunstanciado anexado de fls. 913 a 934.

1.2 APRECIÇÃO

Com base na norma em epígrafe, nos dados do Relatório Síntese e no Relatório circunstanciado dos Especialistas, permite analisar os autos como segue:

Atos Legais referentes ao Curso

O Curso de Licenciatura em História obteve sua última Renovação do Reconhecido pelo Parecer CEE nº381/2012 e Portaria CEE/GP nº458/2012, publicada em 26/09/2012, por cinco anos.

A adequação curricular do Curso à antiga Deliberação CEE nº 111/12, se deu pelo Parecer CEE nº 175/2013 e Portaria CEE/GP nº 210/2013, publicada em 23/05/2013.

Responsável pelo Curso: Renata Cardoso Belleboni, Doutor, Coordenadora do Curso.

Dados Gerais

Horário de Funcionamento	Noturno: das 18h20min às 22h40min, segunda a sexta-feira
Duração da hora/aula	50 minutos
Carga horária total do Curso	3.266 horas
Número de vagas oferecidas	Noturno: 60 vagas, por semestre
Tempo para integralização	Mínimo: 04 anos

Caracterização da Infraestrutura Física da Instituição reservada ao Curso

Instalações	Quantidade	Capacidade
Salas de aula	03	60
Laboratório de Informática	03	40
Apoio	04	60

Biblioteca

Tipo de acesso ao acervo	Livre
É específica para o curso	Não
Total de livros para o curso	2.929 - Títulos
Periódicos	46
Outros	Biblioteca Virtual Pearson

Corpo Docente

Docentes	Titulação acadêmica	Regime de Trabalho
1. Aparecido José Carlos Nazario	Doutor	H
2. Carina Piovani Mora	Especialista	H
3. Edmilson Nogueira	Mestre	H
4. José Fernando Teles Da Rocha	Doutor	H
5. Maria Cristina Pelaes David	Especialista	H
6. Maria De Lourdes Silva	Especialista	H
7. Mathias De Abreu Lima Filho	Mestre	H
8. Nathalya Ferreira Raseira	Especialista	H
9. Olinda De Cassia Garcia Sando	Mestre	H
10. Pedro Marcelo Galasso	Especialista	H
11. Rafael De Almeida Serra Dias	Mestre	H
12. Renata Cardoso Belleboni	Doutor	H
13. Rodrigo Mendes Rodrigues	Mestre	H
14. Sandro Silva Araujo	Especialista	H
15. Vânia Gayer	Mestre	H
16. Viviane Aparecida De Souza	Especialista	H

Todos os docentes possuem o currículo cadastrado na plataforma *Lattes*.

Docentes Segundo a Titulação para Cursos de Bacharelado e/ou de Licenciatura

Titulação	nº	%
Especialistas	07	43,75
Mestres	06	37,5
Doutores	03	18,75
TOTAL	16	100

Corpo Técnico disponível para o Curso

Tipo	Quantidade
Laboratório de Informática	04 (atende todos os cursos)
Laboratório de História	01
Biblioteca	06

Demanda do Curso nos últimos Processos Seletivos, desde a última Renovação do Reconhecimento

Período	Vagas	Candidatos	Relação candidato/vaga
	Noite	Noite	Noite
2012	60	31	0,51
2013	60	33	0,55
2014	60	52	0,86
2015	60	55	0,91
2016	60	60	1,00

Demonstrativo de Alunos Matriculados e Formados no Curso, desde a última Renovação do Reconhecimento

Período	MATRICULADOS			Egressos
	Ingressantes	Demais séries	Total	Noite
	Noite	Noite	Noite	
2012	29	45	74	20
2013	26	36	62	18
2014	34	39	73	10
2015	39	46	85	27
2016	36	57	93	17

Na versão final da planilha, anexa a este Parecer, é possível verificar as adequações efetuadas, bem como as ementas e bibliografias devidamente ajustadas para cumprimento do disposto no Artigo 8º da Del. CEE nº 111/2012 (NR). Nas tabelas a seguir, verifica-se a distribuição da carga horária das disciplinas do Curso.

Matriz Curricular

Adequada à Deliberação CEE Nº 154/2017

1º SEMESTRE		
Componentes Curriculares	Nº de aulas semanais	Carga horária H/A
História da Antiguidade Oriental	04	80
História do Brasil Colônia I	04	80
Estratégias de Leitura e Produção de Texto	02	40
Introdução aos Estudos Históricos I	02	40
Didática: Fundamentos da Educação	02	40
História da Educação	02	40
Legislação na Educação Básica	02	40
Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	02	40
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento		40 h/r
2º SEMESTRE		
História Antiga	04	80
História do Brasil Colônia II	04	80
Introdução aos Estudos Históricos II	02	40
Tecnologias Aplicadas a Educação	02	40
Metodologia do Trabalho Científico	02	40
Sociologia da Educação	02	40
Diagnóstico da Realidade do Ensino na Educação Básica	02	40

	Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	02	40
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento			40 h/r
3º SEMESTRE			
	História do Brasil Império I	04	80
	História Medieval I	04	80
	Didática: docência	04	80
	Psicologia da Educação	02	40
	Currículo na Educação Básica	02	40
	Estatística Aplicada a Educação	02	40
	Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	02	40
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento			40 h/r
4º SEMESTRE			
	História do Brasil Império II	04	80
	História Medieval II	04	80
	História da América I	02	40
	Livro didático e paradidático e a prática docente: estratégias pedagógicas	02	40
	Filosofia da Educação	02	40
	Psicologia da Adolescência	02	40
	Currículo de História na Educação Básica	02	40
	Antropologia e cotidiano escolar	02	40
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento			40 h/r
5º SEMESTRE			
	História do Brasil República I	04	80
	Teoria da História I	02	40
	História Moderna I	04	80
	História da América II	02	40
	Sociologia e Cotidiano Escolar	02	40
	Mídias Aplicadas a Educação	02	40
	Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	04	80
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento			40 h/r
6º SEMESTRE			
	História do Brasil República II	04	80
	História Moderna II	02	40
	Teoria da História II	02	40
	Ensino de História e Arte	02	40
	Patrimônio Histórico-Cultural e a prática docente	02	40
	Pesquisa e Ensino I	02	40
	Ensino de História em ambientes não formais de aprendizagem	02	40
	Planejamento e gestão da escola e da sala de aula	04	80
Estágio Supervisionado I			160 h/r
7º SEMESTRE			
	História da África	02	40
	História Contemporânea I	02	40
	Ensino de História: oficinas em sala de aula	02	40
	Gestão e documentação de acervos museológicos na escola	02	40
	Pesquisa e Ensino II	02	40
	Avaliação do desempenho escolar e o desenvolvimento profissional	04	80
	Libras	02	40
	Ensino de História e cultura indígena na Educação Básica	04	80
Estágio Supervisionado II			160 h/r
8º SEMESTRE			
	Filosofia Política	02	40
	História Contemporânea II	04	80
	História Regional	02	40

	Ensino de História: projetos transdisciplinares	04	80
	Ensino de História e Cultura Contemporânea	02	40
	Pesquisa e Ensino III	02	40
	Educação e Inclusão	04	80
	Estágio Supervisionado III		80 h/r

Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica

Estrutura Curricular		CH das disciplinas de Formação Didático-Pedagógica		
Disciplinas	Ano / semestre e letivo	CH Total (50 min)	Carga horária total inclui:	
			CH EaD	CH PCC
Didática: Fundamentos da Educação	1/1º sem	40 h/a	--	--
História da Educação	1/1º sem	40 h/a	--	--
Legislação na Educação Básica	1/1º sem	40 h/a	--	--
Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	1º/1ºsem	40 h/a	--	12h/a
Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	1º/2º sem	40 h/a	--	12h/a
Sociologia da Educação	1/2º sem	40 h/a	--	--
Diagnóstico da Realidade do Ensino na Educação Básica	1/2º sem	40 h/a	--	--
Didática: docência	2/3º sem	80 h/a	--	12 h/a
Psicologia da Educação	2/3º sem	40 h/a	--	--
Currículo na Educação Básica	2/3º sem	40 h/a	--	--
Estatística Aplicada a Educação	2/3º sem	40 h/a	--	--
Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	2º/3º sem	40 h/a	--	12 h/a
Psicologia da Adolescência	2/4º sem	40 h/a	--	12 h/a
Filosofia da Educação	2/4º sem	40 h/a	--	--
Currículo de História na Educação Básica	2/4º sem	40 h/a	--	12 h/a
Antropologia e Cotidiano Escolar	2/4º sem	40 h/a	--	12 h/a
Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	3/5º sem	80 h/a	--	12 h/a
Planejamento e gestão da escola e da sala de aula	3/6º sem	80 h/a	--	14 h/a
Ensino de História em ambientes não formais de Aprendizagem	3/6º sem	40 h/a	--	12 h/a
História Regional	4º/8º sem	40 h/a	--	--
Avaliação do Desempenho Escolar e o Desenvolvimento Profissional	4/7º sem	80 h/a	--	--
Ensino de História e Cultura Indígena na Educação Básica	4/7º sem	80 h/a	--	12 h/a
Educação e Inclusão	4/8º sem	80 h/a	--	12 h/a
Subtotal da carga horária de PCC		1160h/a	-	146h/a
Carga horária total (60 minutos)		966 h	-	121h

Disciplinas de Formação Específica

Estrutura Curricular		CH das disciplinas de Formação Específica					
Disciplinas	Ano / semestre letivo	CH Total	Carga Horária Total inclui:				
			EaD	PCC	Revisão		
					Conteúdos Específicos	LP	TICs
História da Antiguidade Oriental	1º/1º sem	80 h/a	-	--	12 h/a	--	--
História do Brasil Colônia I	1º/1º sem	80 h/a	-	--	24 h/a	--	--
Estratégias de Leitura e Produção de Texto	1º/1º sem	40 h/a	-	--	--	20 h/a	--

Introdução aos Estudos Históricos I	1º/1º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
História Antiga	1º/2º sem	80 h/a	-	24 h/a	--	--	--
História do Brasil Colônia II	1º/2º sem	80 h/a	-	24 h/a	--	--	--
Metodologia do Trabalho Científico	1º/2º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Introdução aos Estudos Históricos II	1º/2º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Tecnologias Aplicadas a Educação	1º/2º sem	40 h/a	-	--	--	--	40 h/a
História Medieval I	2º/3º sem	80 h/a	-	12 h/a	12 h/a	--	--
História do Brasil Império I	2º/3º sem	80 h/a	-	12 h/a	24 h/a	--	--
História Medieval II	2º/4º sem	80 h/a	-	12 h/a	--	--	--
História do Brasil Império II	2º/4º sem	80 h/a	-	12 h/a	--	--	--
História da América I	2º/4º sem	40 h/a	-	12 h/a	12 h/a	--	--
Livro Didático e Paradidático e a Prática Docente: estratégias pedagógicas	2º/4º sem	40 h/a	-	24 h/a	--	--	--
História Moderna I	3º/5º sem	80 h/a	-	12 h/a	12 h/a	--	--
História do Brasil República I	3º/5º sem	80 h/a	-	12 h/a	24 h/a	--	--
História da América II	3º/5º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Teoria da História I	3º/5º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Sociologia e Cotidiano Escolar	3º/5º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Mídias Aplicadas a Educação	3º/5º sem	40 h/a	-	--	--	--	40 h/a
História Moderna II	3º/6º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
História do Brasil República II	3º/6º sem	80 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Teoria da História II	3º/6º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Ensino de História e Arte	3º/6º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Patrimônio Histórico-Cultural e a prática docente	3º/6º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Pesquisa e Ensino I	3º/6º sem	40 h/a	-	-	--	--	--
História da África	4º/7º sem	40 h/a	-	12 h/a	12 h/a	--	--
História Contemporânea I	4º/7º sem	40 h/a	-	12 h/a	12 h/a	--	--
Ensino de História: oficinas em sala de aula	4º/7º sem	40 h/a	-	24 h/a	--	--	--
Gestão e Documentação de Acervos Museológicos na Escola	4º/7º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Pesquisa e Ensino II	4º/7º sem	40 h/a	-	--	-	-	-
História Contemporânea II	4º/8º sem	80 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Libras	4º/7º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
História Regional	4º/8º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Filosofia Política	4º/8º sem	40 h/a	--	--	--	--	--
Ensino de História e Cultura Contemporânea	4º/8º sem	40 h/a	-	12 h/a	--	--	--
Ensino de História: projetos transdisciplinares	4º/8º sem	80 h/a	-	24 h/a	--	--	--
Pesquisa e Ensino III	4º/8º sem	40 h/a	-	--	--	--	--
Subtotal da carga horária de PCC, Revisão, LP, TIC		2040h/a		336h/a	144 h/a	20 h/a	80 h/a
Carga horária total (60 minutos)		1700 h		280 h	120 h	16 h	66 h

Carga Horária Total do Curso

TOTAL	3.266 Horas	Inclui a carga horária de:
Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica	966 h	PCC –121.66 h
Disciplinas de Formação Específica da licenciatura ou áreas correspondentes	1700 h	PCC – 280 h Revisão / LP / TIC – 202
Estágio Curricular Supervisionado	400 h	-----
Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento (ATPA)	200 h	-----

A estrutura curricular do Curso de Licenciatura em História apresentada atende à:

- Resolução CNE/CES nº 3/07, que dispõe sobre o conceito hora-aula;
- Deliberação CEE nº 111/12, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017;
- Resolução CNE/CP nº 02/2015.

Da Comissão de Especialistas – fls. 914-934

A Comissão de Especialistas, designada para apreciar o pedido de Renovação de Reconhecimento do Curso, elaborou Relatório circunstanciado nos seguintes termos:

Quanto à Infraestrutura para o Curso

A infraestrutura e os recursos são adequados ao Projeto Pedagógico da instituição; tem à disposição o espaço necessário e apresenta-se em bom estado de conservação e de plena utilização. Atendem satisfatoriamente as necessidades do curso de História; pois o mesmo, conta com ótima infraestrutura e bons recursos para o desenvolvimento das atividades pedagógicas. As instalações são agradáveis, ventiladas, limpas com espaços que permitem interação e convivência acadêmica favorável a aprendizagem.

Em relação a Biblioteca

A Biblioteca instalada em um espaço estratégico, conta com um acervo atualizado e suficiente para o Curso de História, tanto de livros como de periódicos. O Acesso Virtual, com terminais no espaço da biblioteca, além de ser acessível por outras TICs, e com espaços para pesquisa individual e em grupo. As indicações de bibliografias básica e complementar, nos respectivos planos de ensino, estão disponíveis e relacionadas tanto as Ementas, como a cada Disciplina. Conta com o mínimo de três exemplares de cada obra, além de acesso à Biblioteca Virtual Universitária Pearson. Há disponibilidade de recursos computacionais e acesso a redes de informação (Internet e Wi-Fi) compatível com as necessidades dos alunos.

Na análise do Projeto Pedagógico

Foi possível constatar que existe adequação dos objetivos gerais do curso com as competências e habilidades desejadas na formação do profissional para atuar no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, além de continuar seus estudos em níveis avançados. Um dado interessante, relatado pelos docentes do curso, é que muitos alunos egressos, se tornaram mestres e doutores e, já se encontram concursados em Universidades Públicas.

A Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista oferece a Licenciatura em História que visa a formação de professores cientes da condição indissociável entre a mediação do conhecimento histórico e dinâmicas pedagógicas específicas para tal fim. Neste sentido, no interior das disciplinas, de modo particular e interdisciplinar, os discentes são orientados a não apenas refletir sobre os conteúdos e metodologias, já produzidos, bem como desenvolver e divulgar seus próprios conteúdos e práticas por meio da leitura, análise e diálogo das fontes primárias e bibliográficas publicadas na área. Do mesmo modo, sempre que pertinente, são orientados a reconhecer os diferentes espaços profissionais onde, por ventura, poderão atuar: museus (escolares ou não), arquivos (públicos e particulares), setores públicos e privados de turismo e cultura, etc., considerando-se que há pouca oferta de aulas em instituições públicas ou privadas de ensino. Tendo em vista estas proposições, uma das finalidades, a diversificação da formação profissional, não intenciona desmerecer ou não priorizar o propósito maior da formação docente.

Percebe-se o aumento da procura pelo curso de Licenciatura em História nos últimos cinco anos.

De acordo com as observações dos funcionários, docentes e discentes sobre o desequilíbrio entre o quantitativo de ingressantes e concluintes, a principal causa indicada é financeira.

Bibliografia básica: estão de acordo com as ementas das disciplinas e adequadas à organização pedagógica e a do perfil profissional definido.

O Projeto Pedagógico elaborado com uma proposta de formação de qualidade, dos futuros professores, atende a legislação em vigor. As disciplinas estão em consonância com o perfil proposto, com bibliografia apropriada. O curso de História tem um diálogo importante com o sistema de educação básica, formando seus professores, nesta área do conhecimento; corpo docente qualificado e corpo técnico satisfatório, e envolvido com a proposta institucional.

Sobre o Corpo Docente, os Especialistas indicam que:

A Titulação dos Docentes e o Regime de trabalho estão de acordo com a Deliberação 145/2016. A formação de cada docente atende aos requisitos de qualificação, atualização e aderência às disciplinas que lecionam. A Coordenadora do Curso, e o corpo docente são totalmente comprometidos com o trabalho que realizam.

Quanto as reuniões com os Corpos Docente e Discente:

Foi possível identificar nas reuniões a qualidade do curso oferecido, a qualificação e o comprometimento dos gestores e professores; ouvindo os alunos, confirmar a qualidade do curso e da instituição. O corpo técnico-administrativo, empenhado no cumprimento de suas obrigações, revelou-se competente e qualificado. A fragilidade evidenciou-se na inadimplência, trancamento e desistência de alunos, por conta da crise econômica estrutural que assola o país. A Instituição tem programas de acompanhamento de avaliação e auto avaliação, como a avaliação institucional; avaliação de desempenho dos alunos; avaliação de pesquisa e avaliação dos estágios curriculares, realizada pela Comissão Permanente de Avaliação-(CPA), que tem como finalidade a condução dos processos de avaliação de todos os aspectos e dimensões do ensino superior da instituição. Anualmente a CPA realiza a avaliação, sistematização e retorno dos resultados à comunidade acadêmica.

Por fim, a Comissão de Especialistas faz as seguintes considerações:

O Curso de História oferecido pela FESB atende a todas as exigências legais. O Projeto Político Pedagógico, analisado com a visita in loco, demonstrou estar de acordo com os princípios que o norteiam: proposicional, intencional, estratégico, coletivo, consensual, flexível e orientador. Considerou-se que o Projeto Político Pedagógico em questão, transcende o aspecto intencional, a medida que se revela, a partir das observações empreendidas, não apenas como uma proposta, mas um conjunto de ações assentadas em bases realistas e realizáveis, sobretudo, a partir da constatação do envolvimento simétrico entre o setor técnico-pedagógico e o administrativo.

Com a visita, foi possível constatar que a instituição possui uma infraestrutura adequada ao funcionamento do Curso de História, com salas de aula, biblioteca, laboratórios de informática, dependências administrativas, sala de professores e instalações sanitárias em plenas condições de funcionamento e de acordo com a legislação vigente. A biblioteca conta com atendimento especializado, assegurando o acesso não só aos alunos que necessitam utilizá-la cotidianamente, mas, também as escolas de educação básica e a comunidade do entorno.

Sobre as atividades complementares dos alunos, há uma quantidade significativa de estudantes envolvidos em projetos de extensão universitária e outros eventos, o que demonstra o compromisso da equipe da instituição nesse quesito.

Quanto às reuniões com o corpo diretivo, docentes, discentes e funcionários do curso, possibilitaram a comprovação de que o projeto pedagógico do curso é desenvolvido e avaliado com a participação dos diferentes segmentos, e contribuíram com o desvelamento dos aspectos relevantes do curso, bem como dos aspectos que merecem atenção para melhorias.

Como aspectos relevantes do curso, a comissão indica a formação, o envolvimento e o comprometimento de seu corpo docente e da gestão com a qualidade do ensino e no cumprimento de sua missão.

Com base nas informações dispostas neste Relatório circunstanciado sobre o pedido de Renovação do Reconhecimento do Curso de História, com vistas a instruir o Processo CEE nº 616/2000, a Comissão de Especialistas designada pelo Conselho Estadual de São Paulo por meio da Portaria CEE-GP nº 531, de 11-10-2017, após análise dos documentos encaminhados e o que constatou durante a visita in loco, após os resultados obtidos nas reuniões realizadas com os integrantes da Direção da Instituição, da Gestão do Curso, do Corpo Docente e Discente e dos funcionários, manifesta parecer favorável ao pedido de Renovação de Reconhecimento do Curso de História da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista, conforme solicitação formulada ao Conselho Estadual de Educação de São Paulo.

2. CONCLUSÃO

2.1 Aprova-se, com fundamento na Deliberação nº 142/2016, o pedido de Renovação do Reconhecimento do Curso de Licenciatura em História, da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista, pelo prazo de cinco anos.

2.2 Aprova-se a adequação curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017, do Curso de Licenciatura em História, da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista.

2.3 Convalidam-se os atos acadêmicos praticados pela Instituição no período em que o Curso ficou sem a renovação do reconhecimento.

2.4 A Instituição deverá encaminhar três vias da estrutura curricular, ora aprovada, para devida rubrica.

2.5 As presentes aprovações tornar-se-ão efetivas por ato próprio deste Conselho, após homologação deste Parecer pela Secretaria de Estado da Educação.

São Paulo, 04 de dezembro de 2017.

a) Cons^a Rose Neubauer
Relatora

3. DECISÃO DA CÂMARA

A CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR adota, como seu Parecer, o Voto da Relatora.

Presentes os Conselheiros Décio Lencioni Machado, Francisco de Assis Carvalho Arten, Hubert Alquéres, Iraíde Marques de Freitas Barreiro, Jacintho Del Vecchio Junior, Márcio Cardim, Maria Cristina Barbosa Storopoli, Martin Grossmann, Priscilla Maria Bonini Ribeiro, Roque Theóphilo Júnior e Rose Neubauer.

Sala da Câmara de Educação Superior, 06 de dezembro de 2017.

a) Cons. Hubert Alquéres
Presidente

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara de Educação Superior, nos termos do Voto da Relatora.

Sala “Carlos Pasquale”, em 13 de dezembro de 2017.

Cons^a. Bernardete Angelina Gatti
Presidente

PARECER CEE Nº 574/17 – Publicado no DOE em 14/12/2017 - Seção I - Páginas 49/50

Res SEE de 18/12/17, public. em 19/12/17 - Seção I - Página 26

Portaria CEE GP nº 665/17, public. em 21/12/17 - Seção I - Página 49

PLANILHA PARA ANÁLISE DE PROCESSOS

**AUTORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA
(DELIBERAÇÃO CEE Nº 111/2012 (NR))
DIRETRIZES CURRICULARES COMPLEMENTARES PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

PROCESSO CEE Nº: 616/2000			
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE BRAGANÇA PAULISTA			
CURSO: LICENCIATURA EM HISTÓRIA		TURNOS/CARGA HORÁRIA	Diurno: ----- horas-relógio
ASSUNTO: ADEQUAÇÃO À DELIBERAÇÃO CEE nº 154/2017		TOTAL:	Noturno: 3.266 horas-relógio

1- FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012			PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
			DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:				
I – 200 (duzentas) horas dedicadas a revisão de conteúdos curriculares, Língua Portuguesa e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).	Art. 9º As 200 (duzentas) horas do Inciso I do Artigo 8º incluirão:	I – revisão dos conteúdos do ensino fundamental e médio da disciplina ou área que serão objeto de ensino do futuro docente;	História da Antiguidade Oriental	DONADONI, Sérgio (dir.). O homem egípcio . Lisboa: Presença, 1990. JOÃO, Maria Thereza David. Tópicos de História Antiga Oriental . Curitiba/PR: InterSaberes, 2013. MOURREAU Jean-Jacques. A Pérsia dos Grandes Reis e de Zoroastro . Editora: Otto Pierre, 1987. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . FUNARI, Raquel dos Santos. Imagens do Egito Antigo: um estudo de representações históricas . São Paulo: Annablume/Unicamp: 2006. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias . Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História do Brasil Colônia I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf .

				PESTANA, Fábio. Por mares nunca dantes navegados: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: contexto, 2008. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
			História do Brasil Império I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História do Brasil República I	FAUSTO, B. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1999. NOVAIS, F. A. História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República. São Paulo: Contexto, 2016. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
			História Medieval I	BASCHET, Jérôme. A civilização feudal: do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006. FRANCO JR., Hilário. A Idade Média: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986. LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval. Bauru/SP: Edusc, 2005. _____. Heróis e maravilhas da Idade Média. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

				BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. CARVALHO, Cibele. História medieval. Curitiba/PR: Intersaberes, 2016. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História da América I	CARDOSO, Ciro Flamarion S. América Pré-Colombiana. São Paulo: Brasiliense, 2004. FERREIRA, Jorge Luiz. Incas e Astecas: Culturas Pré-Colombianas. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1991. GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. PINSKI, Jaime [Et al]. História da América através de textos. São Paulo: Contexto, 2010. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História Moderna I	ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado absolutista. Tradução João R. Martins Filho. São Paulo, Brasiliense, 2004. ARRUDA, José Jobson de Andrade. A grande revolução inglesa - 1640-1780. Revolução Inglesa e revolução industrial na construção da sociedade moderna. São Paulo: Departamento de História - USP/Hucitec, 1996. ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Tradução Ana Maria Alves, Lisboa: Editorial Presença, 1987. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

				MICELI, Paulo. História Moderna. São Paulo: Contexto, 2013. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História Contemporânea I	HOBSBAWM, Eric. A era das revoluções. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. IGLESIAS, Francisco. A revolução Industrial. São Paulo: Brasiliense, 1981. RÉMOND, René. O século XIX: 1815-1914. Introdução à história do nosso tempo. São Paulo: Cultrix, 1997. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. MORAES, Luís Edmundo. História Contemporânea: da Revolução Francesa à Primeira Guerra mundial. São Paulo: Contexto, 2017. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
			História da África	BACELAR, Jefferson. Faces da tradição afro-brasileira. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006. FREIRE, P. A África Ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003. SILVÉRIO, V. R. Síntese da História Geral da África: Pré-História ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013. _____, V. R. Síntese da História Geral da África: século XVI ao século XX. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. MATOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira. São Paulo: Contexto, 2007. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do

				Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
		II - estudos da Língua Portuguesa falada e escrita, da leitura, produção e utilização de diferentes gêneros de textos bem como a prática de registro e comunicação, dominando a norma culta a ser praticada na escola;	Estratégias de Leitura e Produção de Texto	BRODBECK, Jane T.; COSTA, Antônio J. H.; CORREIA, Vanessa L. Estratégias de leitura em língua portuguesa. Curitiba: InterSaberes, 2012. FONTANA, Niura M.; PAVIANI, Neire M. Soldatelli; HARTMANN, Shirley Horácio de G.; SANTAROSA, Sebastião D. Práticas de leitura para o letramento no ensino superior. Curitiba: InterSaberes, 2012. KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. Ler e compreender os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2010. PRESSANTO, Isabel M. P. Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.
		III - utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como recurso pedagógico e para o desenvolvimento pessoal e profissional.	Tecnologias Aplicadas a Educação	OLIVEIRA, José Márcio Augusto de. Escrevendo com o computador na sala de aula. São Paulo: Cortez, 2006. OLIVEIRA, Ramon de. Informática educativa: dos planos e discursos à sala de aula. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006. TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação: novas ferramentas pedagógicas. 7. ed. São Paulo: Erica, 2007.
			Mídias Aplicadas a Educação	ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MORAN, José Manuel. Integração das Tecnologias na Educação. Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação – Seed, 2005. BARBOSA, Ana Mae & AMARAL, L. (org.). Interterritorialidade: Mídias, contextos e educação. São Paulo: Senac, 2009. SANTAELLA, Lucia. Cultura das Mídias. São Paulo: Razão Social, 1992. Sites de apoio: http://www.eproinfo.mec.gov.br/ http://www.tvebrasil.com.br/ http://portal.mec.gov.br/midias-na-educacao http://rived.mec.gov.br/ http://tvescola.mec.gov.br/tve/home

1-FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art.10 - A formação didático-pedagógica compreende um corpo de conhecimentos e conteúdos educacionais – pedagógicos, didáticos e de fundamentos da educação – com o objetivo de garantir aos futuros professores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, as competências especificamente voltadas para a prática da docência e da gestão do ensino:	I - conhecimentos de História da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação que fundamentam as ideias e as práticas pedagógicas;	História da Educação	LIBANEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2000. MARCÍLIO, Maria Luiza. História da escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015. PILETTI, Claudio; PILETTI, Nelson. História da Educação. São Paulo: Ática, 2006. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da Educação no Brasil (1930/1973). 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
		Sociologia da Educação	FORQUIN, J-C. Sociologia da Educação. Petrópolis, Vozes, 1995. TEDESCO, J. C. Sociologia da Educação. São Paulo, Autores Associados, 1995. VIANA, Nildo. Introdução à Sociologia. Belo Horizonte, Autêntica, 2000.
		Filosofia da Educação	ARANHA, Maria L. de Arruda. Filosofia da Educação. São Paulo: Moderna, 1996. GADOTTI, Moacir. História das Ideias Pedagógicas. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004. GHIRALDELLI, Paulo. O que é Filosofia da Educação. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 2003. SEVERINO, A. J. Filosofia da Educação: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.
	II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico da população dessa faixa etária;	Psicologia da Educação	COLL, César; PALÁCIOS, J. Marchesi, A. Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia da Educação. V. I e II. Porto Alegre: Artmed, 1996. RAPAPORT, Clara R. Psicologia do desenvolvimento: a idade escolar e a adolescência. São Paulo: E.P.U. V.4. 1981. WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José Fernando B. Psicologia da aprendizagem. São Paulo: EPU, 1984. (Temas básicos de Psicologia; v. 9).
		Psicologia da Adolescência	PAPALIA, Diane. E, Olds, Sally. W.; Feldman, Ruth. D. Desenvolvimento Humano. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. PEREIRA, Antônio Carlos Amador. O adolescente em desenvolvimento. São Paulo: Harbra, 2005. RAPPAPORT, Clara Regina. Encarando a adolescência. São Paulo: Ática, 2000

	III - conhecimento do sistema educacional brasileiro, sua evolução histórica e suas políticas, para fundamentar a análise da educação escolar no país e possibilitar ao futuro professor entender o contexto no qual vai exercer sua prática docente;	Legislação na Educação Básica	CURY, Carlos Roberto. Legislação educacional brasileira. Rio de Janeiro: DP & A, 2000. DEMO, Pedro. A nova LDB: ranços e avanços. São Paulo: Cortez, 1997. FÁVERO, O. A Educação nas Constituições Brasileiras. Campinas/ SP: Autores Associados, 1996. MENESES, J. G. de C. et al. Estrutura e funcionamento da Educação Básica. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001. OLIVEIRA, S.D. de. Estatuto da criança e do adolescente. Rio de Janeiro: D&PA, 2001. SANTOS, Clóvis Roberto. Educação Escolar Brasileira: estrutura, administração e legislação. São Paulo, Thomson, 2003.
	IV – conhecimento e análise das diretrizes curriculares nacionais, da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica, e dos currículos, estaduais e municipais, para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio;	Currículo na Educação Básica	BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Brasília, 1997. (ensino de 5ª a 8ª série). BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, 1997. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
		Currículo de História na Educação Básica	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Brasília: MEC, 1999.

V – domínio dos fundamentos da Didática que possibilitem: a) a compreensão da natureza interdisciplinar do conhecimento e de sua contextualização na realidade da escola e dos alunos; b) a constituição de uma visão ampla do processo formativo e socioemocional que permita entender a relevância e desenvolver em seus alunos os conteúdos, competências e habilidades para sua vida; c) a constituição de habilidades para o manejo dos ritmos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista dinamizar o trabalho de sala de aula e motivar os alunos; d) a constituição de conhecimentos e habilidades para elaborar e aplicar procedimentos de avaliação que subsidiem e garantam processos progressivos de aprendizagem e de recuperação contínua dos alunos e; e) as competências para o exercício do trabalho coletivo e projetos para atividades de aprendizagem colaborativa.	Diagnóstico da Realidade do Ensino na Educação Básica	ANTUNES, Celso. Educar em um mundo interconectado. São Paulo: Vozes, 2016. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. GATTI, Bernadete Angelina; NUNES, Muniz Rossa (Org.). Formação de Professores para o Ensino Fundamental: estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/DPE, 2009. GATTI, Bernadete Angelina. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. Educação e Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./Dez. 2010. LIBÂNEO, José Carlos. O Dualismo Perverso da Escola Pública Brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, mar. 2012. PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo, Cortez: 2002. p. 17-52
	Didática: fundamentos da Educação	CANDAU, Vera Maria. Rumo a uma nova didática. Campinas: SP: Vozes, 1988. CORDEIRO, Jaime. Didática. São Paulo, Contexto, 2007. HAYDT, Regina Celia Cazaux. Curso de didática geral. 1. ed. – São Paulo: Ática, 2011. LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 2008.
	Didática: docência	HOFFMAN, Jussara. Avaliação: mito & desafio. 10. Ed. Porto Alegre, Mediação, 1993. LIBÂNEO, José Carlos. O Ensino da Didática, das Metodologias Específicas e dos Conteúdos Específicos do Ensino Fundamental nos Currículos dos Cursos de Pedagogia. <i>Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos</i>, Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010. LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). Temas da Pedagogia: diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012. PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar Porto Alegre: Artmed Editora 2000. RIOS, Terezinha. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.

		Ensino de História: projetos transdisciplinares	BENDER, Willian N. Aprendizagem baseada em projetos: Educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre/RS: Penso/Grupo, A, 2014. FAZENDA, Ivani C. A. (org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas/SP: Papirus, 1998. MORAES, Maria Cândida. Transdiciplinaridade, criatividade, educação. Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas?SP: Papirus, 2016. NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Érica, 2005.
	VI – conhecimento de Metodologias, Práticas de Ensino ou Didáticas Específicas próprias dos conteúdos a serem ensinados, considerando o desenvolvimento dos alunos, e que possibilitem o domínio pedagógico do conteúdo e a gestão e planejamento do processo de ensino aprendizagem;	Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	BENTO, Luiz Carlos. História e ensino de História. As perspectivas do saber histórico e sua culminância para o desenvolvimento de um projeto de homem. São Paulo: Paco Editorial, 2010. BITTENCOURT, Circe Maria F. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Ed Cortez, 2004. _____. (Org.). O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998. JÚNIOR, Roberto Catelli. Temas e linguagens da História. Ferramentas para a sala de aula no Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2009. SILVA, Marcos (Org.). História: que ensino é este? Campinas/SP: Papirus, 2016.
		Ensino de História em ambientes não formais de aprendizagem	GHON, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2005. MACMANUS, Paulette. Educação em Museus: pesquisas e práticas. São Paulo: FEUSP, 2013. PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra, São Paulo: Setembro, 2005. SIMSON, O. R. D. M. V; PARK, M. B; FERNANDES, R. S. Educação não formal: cenários da criação. Campinas: Unicamp, 2001.
		Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2011. MACHADO, Arthur Versiani. Filmes históricos no ensino de História. São Paulo: Paco Editorial, 2015. NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2011. PINSKY, Carla. B. e LUCA, Tania R (Orgs.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009.

		Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010. PAIVA, Eduardo França. História & Imagens. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006. SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. História da Arte . 16. ed. São Paulo: Ática, 2004.
		Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	HERMETO, Miriam. Canção popular brasileira e ensino de História . Palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2012. MARTINS, Leandra Rajczuk. Literatura e ensino de história : construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2015. (Doutorado) SOBANSKI, Adriane Quadros (et. al.). Ensinar e aprender história : histórias em quadrinhos e canções. Curitiba: Base Editorial, 2010.
		Ensino de História: oficinas em sala de aula	CERRI, Luis Fernando. Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professores . Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 27, p. 221-238, 2006. CUNHA, Maria Isabel. O bom professor e sua prática . Campinas/SP: Papirus, 1992. VIEIRA, Elaine; VALQUIND, Lea. Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como? Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
		Livro Didático e Paradidático e a Prática Docente: estratégias pedagógicas	ANTUNES, Celso. O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos. São Paulo: Editora Paulos, 2012. FREITAG, B; MOTTA, V; COSTA, W. O Livro Didático em Questão . São Paulo, Cortez, 1997. VIEIRA, Cassiane Bechelin. O livro didático e o ensino de história: o que ler, como ler e para que ler . Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2009. (Dissertação)
		História Regional	CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo Afonso. O estudo do município e o ensino de História e Geografia . Ijuí- Rs: UNIJUI, 1998. BARROS, José D’assunção. O campo da História : especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local no Brasil : fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.
VII – conhecimento da gestão escolar na educação nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, com especial ênfase nas questões relativas ao projeto pedagógico da escola, regimento escolar, planos de trabalho anual, colegiados auxiliares da escola e famílias dos alunos:		Planejamento e gestão da escola e da sala de aula	BACILA, Carlos Roberto. Nos bastidores da sala de aula . Curitiba/PR: InterSaberes, 2014. VEIGA, Ilma P. A.; FONSECA, Marília (Orgs.) As dimensões

			do projeto político pedagógico. Novos desafios para a escola. Campinas/SP: Papirus, 2001. WEINSTEIN, C. S.; NOVODVORSKY, I. Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-de-fortalecimento-dos-conselhos-escolares
	VIII - conhecimentos dos marcos legais, conceitos básicos, propostas e projetos curriculares de inclusão para o atendimento de alunos com deficiência;	Educação e Inclusão	MACHADO, Rosângela. Educação Especial na Escola Inclusiva: políticas, paradigmas e prática. 1ª.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão. In: Mídia e deficiência, Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 2003.
		Avaliação do desempenho escolar e o desempenho profissional	ENEM: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem ENADE: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade IDEB: http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp PROVINHA BRASIL: http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil SAEB: http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb SARESP: http://www.educacao.sp.gov.br/saresp
	IX – conhecimento, interpretação e utilização na prática docente de indicadores e informações contidas nas avaliações do desempenho escolar realizadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Estadual de Educação.	Estatística Aplicada a Educação	LEVIN, Jack e FOX, James Alan; Estatística para ciências humanas. 9ª ed.. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2004. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): relatório pedagógico 2009-2010. Brasília, 2013. ENEM INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): relatório pedagógico. Brasília, 2013. IDESP INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC). (Prova Brasil). Brasília, 2013. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema de Avaliação da Educação Básica. (SAEB). Brasília. SAEB INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes-PISA: relatórios, 2000-2015. Brasília.

			SÃO PAULO: Saresp: Relatório Pedagógico . São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2012. SARESP
--	--	--	---

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO I - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINA (S) (Onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
		Didática: docência	HOFFMAN, Jussara. Avaliação: mito & desafio . 10. Ed. Porto Alegre, Mediação, 1993. LIBÂNEO, José Carlos. O Ensino da Didática, das Metodologias Específicas e dos Conteúdos Específicos do Ensino Fundamental nos Currículos dos Cursos de Pedagogia . Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010. LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). Temas da Pedagogia: diálogos entre didática e currículo . São Paulo: Cortez, 2012. PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar . Porto Alegre: Artmed Editora, 2000. RIOS, Terezinha. Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade . São Paulo: Cortez, 2001. Petrópolis: Vozes, 2002:
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:	400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular – PCC – a serem articuladas aos conhecimentos específicos e pedagógicos, e distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor, em conformidade com o item 2, da Indicação CEE nº 160/2017, referente a esta Deliberação.	Psicologia da Adolescência	PAPALIA, Diane. E, Olds, Sally. W.; Feldman, Ruth. D. Desenvolvimento Humano . 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. PEREIRA, Antônio Carlos Amador. O adolescente em desenvolvimento . São Paulo: Harbra, 2005. RAPPAPORT, Clara Regina. Encarando a adolescência . São Paulo: Ática, 2000.
		Currículo de História na Educação Básica	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais :

			História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. BRASIL. Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Brasília: MEC, 1999.
		Antropologia e Cotidiano Escolar	GOMES, Nilma L. Educação e diversidade cultural: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 2008. Disponível em: www.mulheresnegras.org/nilma.html . LAPLANTINE, François. Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003. LARAIA, R. de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007. MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. Antropologia: uma introdução. 6. ed. SÃO PAULO: ATLAS, 2006.
		Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	BENTO, Luiz Carlos. História e ensino de História. As perspectivas do saber histórico e sua culminância para o desenvolvimento de um projeto de homem. São Paulo: Paco Editorial, 2010. BITTENCOURT, Circe Maria F. Ensino de História: Fundamentos e Métodos. São Paulo: Ed Cortez, 2004. _____. (Org.). O saber histórico em sala de aula. São Paulo: Contexto, 1998. JÚNIOR, Roberto Catelli. Temas e linguagens da História. Ferramentas para a sala de aula no Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2009. SILVA, Marcos (Org.). História: que ensino é este? Campinas/SP: Papyrus, 2016.
		Planejamento e gestão da escola e da sala de aula	BACILA, Carlos Roberto. Nos bastidores da sala de aula. Curitiba/PR: InterSaberes, 2014. VEIGA, Ilma P. A.; FONSECA, Marília (Orgs.) As dimensões do projeto político pedagógico. Novos desafios para a escola. Campinas/SP: Papyrus, 2001. WEINSTEIN, C. S.; NOVODVORSKY, I. Gestão da sala de aula: lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015. http://portal.mec.gov.br/programa-nacional-de-

			fortalecimento-dos-conselhos-escolares
		Ensino de História em Ambientes Não Formais de Aprendizagem	GHON, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política . 3. ed. São Paulo, Cortez, 2005. MACMANUS, Paulette. Educação em Museus: pesquisas e práticas . São Paulo: FEUSP, 2013. PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos . Holambra, São Paulo: Setembro, 2005. SIMSON, O. R. D. M. V; PARK, M. B; FERNANDES, R. S. Educação não formal: cenários da criação . Campinas: Unicamp, 2001.
		Ensino de História e Cultura Indígena na Educação Básica	CUNHA, Manuela. História dos índios no Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2006. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Novos temas nas aulas de História . São Paulo, Editora Contexto, 2009. SILVA, Aracy Lopes, GRUPIONI, Luis Donisete (Org). A temática indígena na escola . Novos subsídios para professores de 1 e 2 graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995. FUNARI, Pedro Paulo; PIÑON, Ana. A temática indígena na escola . Subsídios para os professores. São Paulo: Contexto: 2011.
		Educação e Inclusão	MACHADO, Rosângela. Educação Especial na Escola Inclusiva: políticas, paradigmas e prática . 1ª.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003. SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão . In: Mídia e deficiência, Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 2003.
		História da Antiguidade Oriental	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) DONADONI, Sérgio (dir.). O homem egípcio . Lisboa: Presença, 1990.

			FUNARI, Raquel dos Santos. Imagens do Egito Antigo: um estudo de representações históricas. São Paulo: Annablume/Unicamp: 2006. (REVISÃO) JOÃO, Maria Thereza David. Tópicos de História Antiga Oriental. Curitiba/PR: InterSaberes, 2013. MOURREAU Jean-Jacques. A Pérsia dos Grandes Reis e de Zoroastro. Editora: Otto Pierre, 1987. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		História do Brasil Colônia I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO) ALÊNCASTRO, Luis Felipe de. O Trato dos Viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. PESTANA, Fábio. Por mares nunca dantes navegados: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: contexto, 2008. (REVISÃO) PRADO JR, Caio. História Econômica do Brasil. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2011. MACHADO, Arthur Versiani. Filmes históricos no ensino de História. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

			NAPOLITANO, Marcos. Como usar o cinema na sala de aula . São Paulo: Contexto, 2011. PINSKY, Carla. B. e LUCA, Tania R (Orgs.). O historiador e suas fontes . São Paulo: Contexto, 2009.
		História Antiga	EYLER, Flávia Maria S. História Antiga : Grécia e Roma. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014. VERNANT, Jean-Pierre. Mito e Religião na Grécia Antiga . São Paulo: Martins Fontes, 2006 VEYNE, Paul. A sociedade romana . Lisboa: Edições, 70, 1990.
		História do Brasil Colônia II	MESGRAVES, Laima. História do Brasil Colônia . São Paulo: Contexto, 2015. PRADO, Caio Prado. Formação do Brasil Contemporâneo . São Paulo: Brasiliense, (1ª ed. 1942), 1996. PRADO, Paulo. Retrato do Brasil : ensaio sobre a tristeza brasileira. 9ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
		Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010. PAIVA, Eduardo França. História & Imagens . 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006. SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. História da Arte . 16. ed. São Paulo: Ática, 2004.
		História Medieval I	BASCHET, Jérôme. A civilização feudal : do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) CARVALHO, Cibele. História medieval . Curitiba/PR: Intersaberes, 2016. (REVISÃO) FRANCO JR., Hilário. A Idade Média : o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986. LE GOFF, Jacques. A Civilização do Ocidente Medieval . Bauru/SP: Edusc, 2005. _____. Heróis e maravilhas da Idade Média . Rio de Janeiro: Vozes, 2011. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação.

			Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		História do Brasil Império I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) COSTA, Emília Viotti. Da Monarquia a República: momentos decisivos. 9ª edição. São Paulo: Unesp, 2010. DOLHNIKOFF, Miriam. História do Brasil Império. São Paulo: Contexto, 2017. (REVISÃO) HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). O Brasil monárquico. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 2005. (História Geral da Civilização Brasileira, 5 volumes). NOVAIS, Fernando A. História da Vida Privada no Brasil 2: império: a corte e a modernidade nacional. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	HERMETO, Miriam. Canção popular brasileira e ensino de História. Palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2012. MARTINS, Leandra Rajczuk. Literatura e ensino de história: construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2015. (Doutorado) SOBANSKI, Adriane Quadros (et. al.). Ensinar e aprender história: histórias em quadrinhos e canções. Curitiba: Base Editorial, 2010.
		História Medieval II	BETHENCOURT, Francisco. História das Inquisições. São Paulo; Companhia das Letras, 2000. BLOCH, Marc. A sociedade feudal. Lisboa:

			Edições 70, 1982. CARVALHO, Cibele. História Medieval . Curitiba/PR: Intersaberes, 2916.
		História do Brasil Império II	HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). O Brasil monárquico . São Paulo: Difel, 1976. (História Geral da Civilização Brasileira, 5 volumes). KARASCH, Mary C. A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850 . São Paulo: Companhia das Letras, 2000. NOVAIS, Fernando A. História da Vida Privada no Brasil 2: império: a corte e a modernidade nacional . São Paulo: Companhia das Letras, 1997
		História da América I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) CARDOSO, Ciro Flamarion S. América Pré-Colombiana . São Paulo: Brasiliense, 2004. FERREIRA, Jorge Luiz. Incas e Astecas: Culturas Pré-Colombianas . 2. Ed. São Paulo: Ática, 1991. GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010. PINSKI, Jaime [Et all]. História da América através de textos . São Paulo: Contexto, 2010. (REVISÃO) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias . Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		Livro Didático e Paradidático e a Prática Docente: estratégias pedagógicas	ANTUNES, Celso. O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos. São Paulo: Editora Paulos, 2012. FREITAG, B; MOTTA, V; COSTA, W. O Livro Didático em Questão . São Paulo, Cortez, 1997. VIEIRA, Cassiane Bechelin. O livro didático e o ensino de história: o que ler, como ler e para que ler . Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2009. (Dissertação)

		História Moderna I	ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado absolutista. Tradução João R. Martins Filho. São Paulo, Brasiliense, 2004. ARRUDA, José Jobson de Andrade. A grande revolução inglesa - 1640-1780. Revolução Inglesa e revolução industrial na construção da sociedade moderna. São Paulo: Departamento de História - USP/Hucitec, 1996. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO) ELIAS, Norbert. A sociedade de corte. Tradução Ana Maria Alves, Lisboa: Editorial Presença, 1987. MICELI, Paulo. História Moderna. São Paulo: Contexto, 2013. (REVISÃO) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		História do Brasil República I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO) FAUSTO, B. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1999. NAPOLITANO, Marcos. História do Brasil República. São Paulo: Contexto, 2016. (REVISÃO) NOVAIS, F. A. História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO) SCHWARCZ, L. M. O espetáculo das raças:

			cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
		História da América II	CHAUNU, Pierre. História da América Latina . São Paulo, Difel, 1983. GRAY, Wood. Panorama da História dos Estados Unidos . New York: Castella, 1982. IANNI, Octavio. O labirinto latino-americano . Rio de Janeiro: Vozes, 1993. PRADO, Ligia M. A formação das nações latino-americanas . São Paulo: Edusp, 2004.
		História Moderna II	BRAUDEL, Fernand. Civilização Material e Capitalismo . São Paulo: Martins Fontes, 3 Vols., 1995. HOBBSBAWM, Eric J. A Era das Revoluções 1789-1848 . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem . Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.
		História do Brasil República II	ARNS, Don Paulo Evaristo. Brasil nunca mais . Rio de Janeiro: Vozes, 1996. SCHWARCZ, Lila Motriz (org.) História da vida privada no Brasil – Contrastes da intimidade contemporânea . São Paulo: Cia das Letras, 1998. vol.4. REIS FILHO, Daniel Arão. O século XX o tempo das certezas: da formação do capitalismo a primeira grande guerra . ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
		Teoria da História II	BARROS, José D'Assunção. Teoria da História. Vol. V . A Escola dos Annales e a Nova História. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. BURKE, Peter. A escola dos Annales -1929-1989 . A Revolução francesa da Historiografia. São Paulo: Unesp, 1991. BLOCH, Marc. Apologia da História . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. LE GOFF, Jacques. História e memória . Campinas: Unicamp, 1994.
		Ensino de História e Arte	BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem . Florianópolis: Edusc, 2004. CALADO, Isabel. A utilização educativa das imagens . Lisboa: Editora Porto, 1994. COSTA, C. Questões de Arte . São Paulo: Moderna, 2004.

			GOMBRICH, E.H. A História da Arte . Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999. WÖLFFLIN, H. Conceitos Fundamentais da História da Arte . São Paulo: Martins Fontes, 1989.
		Patrimônio Histórico-Cultural e a prática docente	BESSEGATO, Maurí Luiz. O Patrimônio em Sala de Aula : fragmentos de ações educativas. Santa Maria, RS: Evangraf / UFSM, 2004. CHOAY, Françoise. A Alegoria do Patrimônio . São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001. FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de C. A. Patrimônio Histórico e Cultural . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. LEMOES, Carlos A. C. O que é Patrimônio Histórico . São Paulo: Brasiliense, 2006. MARCHETTE, Tatiana Dantas. Educação patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil . Curitiba/PR: InterSaberes, 2016.
		História da África	BACELAR, Jefferson. Faces da tradição afro-brasileira . Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) FREIRE, P. A África Ensinando a Gente : Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. São Paulo: Paz e Terra, 2003. MATOS, Regiane Augusto de. História e cultura afro-brasileira . São Paulo: Contexto, 2007. (REVISÃO) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias . Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO) SILVÉRIO, V. R. Síntese da História Geral da África : Pré-História ao século XVI. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013. _____, V. R. Síntese da História Geral da África : século XVI ao século XX. Brasília:

			UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013.
		História Contemporânea I	BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . (REVISÃO) HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções . Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. IGLESIAS, Francisco. A revolução Industrial . São Paulo: Brasiliense, 1981. MORAES, Luís Edmundo. História Contemporânea: da Revolução Francesa à Primeira Guerra mundial . São Paulo: contexto, 2017. (REVISÃO) RÉMOND, René. O século XIX: 1815-1914 . Introdução à história do nosso tempo. São Paulo: Cultrix, 1997. SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias . Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
		Ensino de História: oficinas em sala de aula	CERRI, Luis Fernando. Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professores . Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 27, p. 221-238, 2006. CUNHA, Maria Isabel. O bom professor e sua prática . Campinas/SP: Papirus, 1992. VIEIRA, Elaine; VALQUIND, Lea. Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como? Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
		Gestão e Documentação de Acervos Museológicos na Escola	BARCELLOS, Guy Barros. Manual de implantação de museus escolares . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. BOYLAN, Patrick J. (Org.). Como gerir um Museu . Manual Prático. Paris: ICOM-UNESCO, 2004. MANSON, Timonthy. Gestão Museológica: desafios e práticas . São Paulo: USP/British Council, 2004.

		História Contemporânea II	BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. HOBBSAWM, Eric. A era dos Extremos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006. PROST, Antoine (org.). História da Vida Privada: da 1ª Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
		História Regional	CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo Afonso. O estudo do município e o ensino de História e Geografia. Ijuí- Rs: UNIJUI, 1998. BARROS, José D'assunção. O campo da História: especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2010. NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local no Brasil: fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.
		Ensino de História e Cultura Contemporânea	CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. Questões para a história do presente. Bauru/SP: Edusc, 1999. LOHN, R.L.; SILVIA, V. L. G.; OLIVEIRA, M. R.. Uma história do tempo presente na sala de aula: construção de estratégias didáticas para o Ensino Médio. Florianópolis/SC: UFSC, 2015. (Dissertação de Mestrado) PORTO JR., G. (org.). História do tempo presente. Bauru/SP: Edusc, 2007.
		Ensino de História: projetos transdisciplinares	BENDER, Willian N. Aprendizagem baseada em projetos: Educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre/RS: Penso/Grupo, A, 2014. FAZENDA, Ivani C. A. (org.). Didática e interdisciplinaridade. Campinas/SP: Papirus, 1998. MORAES, Maria Cândida. Transdisciplinaridade, criatividade, educação. Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas?SP: Papirus, 2016. NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores. São Paulo: Érica, 2005.

OBSERVAÇÕES:

2-PROJETO DE PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR – PCC

CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

PROJETO “ENSINAR A ENSINAR HISTÓRIA”

O Projeto desenvolvido, desde 2012, no curso de Licenciatura em História, visa mediar conhecimentos teórico-pedagógicos essenciais à prática docente objetivando possibilitar aos discentes discutir, refletir e construir saberes que envolvem, essencialmente, a transposição teoria/prática (o *que mediar e como fazer*) no ensino de História.

A partir de 2018, o Projeto *Ensinar a Ensinar História*, dará continuidade às atividades desenvolvidas no interior das disciplinas específicas e pedagógicas, dando sustentação e suporte aos projetos a serem desenvolvidos no interior da **Prática como Componente Curricular** que totaliza 480h/a ou 400 horas distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor em consonância com o disposto na Resolução CNE nº 2 de 1º de julho de 2015, capítulo V, inciso I, como também ao disposto na Resolução CEE/SP nº 111/2012, capítulo II, inciso II, item “c”, atualizada pela deliberação CEE/SP nº 154/2017.

1 - Apresentação

O curso de História da FCLBP, desde sua criação, tem como intuito principal a formação de professores que mediem o conhecimento histórico visando apresentar contextos, temporalidades e sujeitos, fontes e reflexões sobre as diferentes culturas. Para tanto, disciplinas que contemplam temáticas específicas da formação são frequentemente revistas e complementadas seguindo os resultados das pesquisas realizadas nos mais diferentes meios acadêmicos nacionais e internacionais, como também em resposta às legislações que infligem tais revisões, bem como nos Parâmetros Curriculares. A partir da divulgação da Base Nacional Comum Curricular, tal documento igualmente fará parte da documentação a ser consultada;

Mas a prática docente exige muito mais do que o saber curricular. Exige, sobretudo, o saber fazer, o saber pedagógico e o experiencial. Neste sentido, adequando-se, desde 2012 às novas deliberações dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação, no seio das disciplinas próprias da História, os docentes vêm se empenhando em apresentar e auxiliar os discentes na preparação de seus próprios recursos e dinâmicas didáticas. Com a nova configuração da **Prática como Componente Curricular**, este projeto buscará manter e inovar suas ações em prol da formação de um docente apto e preparado para o dia a dia da sala de aula.

Todas as experiências intra e extraclasse experienciadas por professores e alunos do curso foram tomadas como base reflexiva para este projeto. Vivências positivas foram revisitadas e assumidas como exemplos a serem seguidos e mesmo aprimorados. Vivências que se mostraram menos produtivas, por motivos variados, nos indicaram os rumos a não seguir e as possibilidades de mudanças em direção a novos acertos.

2 – O Projeto Ensinar a Ensinar História

Fontes primárias (escritas ou de cultura material), softwares e uma vasta bibliografia sobre as temáticas da história estão, hoje, disponíveis, entre outros espaços do saber, em bibliotecas, centros de pesquisa, arquivos, acervos particulares e públicos, museus, casas de cultura e em milhares de *sites* da internet. Uma vasta gama de documentos que podem e devem ser utilizados em sala de aula dos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Dentre a bibliografia produzida sobre o ensino de História, podemos visualizar questões levantadas sobre a própria história da disciplina, sobre as diferentes leituras do passado, sobre o que encontramos nos currículos e livros didáticos, sobre metodologias, sujeitos, memória e a própria formação do professor.

Este último item tem sido, igualmente, preocupação frequente dos Conselhos Nacional e Estadual de Educação que, a partir das Deliberações CNP/CP nº 2/2015 e CEE/SP nº 111/2012, atualizada no presente ano de 2017, por meio da Deliberação CEE/SP nº 154/2017, propuseram a obrigatoriedade de horas a serem cumpridas, no interior das disciplinas do curso, denominadas **Prática como Componente Curricular**.

Na primeira versão da Resolução CEE/SP nº 111/2012, três pontos se destacaram em seu artigo 10 do capítulo II:

- **Conhecimento e análise das diretrizes curriculares:** as Diretrizes Curriculares, ou ainda na atualidade a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são um conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos na Educação que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas. Neste sentido, são o ponto de partida para práticas essenciais na educação. A BNCC de História e as Diretrizes Curriculares de História (que deverão ser consultadas enquanto a BNCC ainda estiver em adequação), orientam que as atividades de prática de ensino deverão ser desenvolvidas no interior dos cursos de História, e sob sua responsabilidade, tendo em vista a necessidade de associar prática pedagógica e conteúdo de forma sistemática e permanente a fim de saber e analisar o que é proposto, entender e refletir sobre possibilidades e desvios e tomar ciência das orientações propostas pelos órgãos governamentais, ação imprescindível para quem trabalha com temáticas que exigem posturas críticas-reflexivas.

- **Domínio e aplicação da Metodologia de Ensino e da Didática próprias:** saber o que, como e quando fazer. O dia-a-dia da sala de aula é o contexto do aprendizado. Acertando e errando, o professor constrói suas próprias dinâmicas pedagógicas. Mas é preciso chegar a este espaço de mediação do saber com algum conhecimento teórico-prático anterior. Não nos é possível assumir, mesmo que por um curto período de tempo, uma turma e uma disciplina sem um conhecimento prévio dos saberes pedagógicos. A vivência, sob a orientação de um professor universitário, de situações possíveis de se concretizar, é o primeiro passo para uma formação docente adequada. E este é um dos propósitos desse projeto.

- **Transposição didática:** os dois itens acima apenas serão vivenciados de forma ativa e positiva se realmente houver a interação dos saberes. Conteúdos e dinâmicas devem sempre ser avaliados, transformados e adaptados. *O que mediar e como fazer* são duas preocupações constantes na prática docente.

Esta interação dos saberes docentes é o que almeja este projeto de *Ensinar a Ensinar a História*. Estamos cientes de que não será possível, aos docentes que o aplicarão aos professores em formação, apresentar fórmulas prontas e inquestionáveis de como se preparar uma aula, elaborar recursos didáticos, pensar sequências didáticas ou formas de avaliação. Estes não são objetivos que constituem o projeto, ou seja, apresentar as fórmulas prontas e inquestionáveis, pois que ele pretende indicar caminhos que deverão ser trilhados, recriados e adaptados segundo suas próprias experiências, aquelas de seus professores e, ainda, em acordo com a literatura acadêmica atualizada.

No tocante ao quadro das 480 h/a ou 400 h de **Prática como Componente Curricular**, é imperativo destacar que elas foram distribuídas, proporcionalmente, em todas as disciplinas do curso que viabilizam a prática no que tange à preparação de planos de aula, de sequências didáticas ou recursos para mediação do conhecimento, bem como no que se refere à gestão de sala de aula. As horas destinadas à prática estão distribuídas ao longo dos 8 semestres (10h ou 12h/a) foram destinadas para o saber fazer).

Na Matriz Curricular do Curso de Licenciatura em História poderão ser visualizadas seis (06) disciplinas que foram alocadas seguindo uma lógica de complexidade e mesmo de possibilidade interdisciplinar, uma vez as atividades propostas em suas ementas deverão ser desenvolvidas em consonância com as disciplinas específicas do curso. Estas últimas serão as responsáveis, por meio das indicações dos professores que as ministram, a partir de projetos, de oferecer as possibilidades temáticas a serem abordadas nas práticas.

Houve uma preocupação, ao formular este quadro, em atender às necessidades da disciplina História. No interior do ementário será possível visualizar que ele atende às questões temáticas mais atuais como a associação da disciplina com a construção da identidade dos sujeitos escolares por meio do conhecimento de seu patrimônio histórico-cultural ou mesmo com a criação de museus escolares (tendência que vem se ampliando nos últimos anos), como também, em relação a conceitos caros à história do presente, tão divulgados pelas mídias que nossos alunos têm acesso. No entanto, destacamos, ainda, que os conteúdos dessas práticas abrangem a utilização de recursos didáticos já tradicionais, assim como a confecção dos mesmos e elaboração de projetos interdisciplinares.

O Projeto Ensinar a Ensinar História possibilitará, conforme os seus objetivos, a articulação da teoria com a prática dentro das disciplinas específicas e pedagógicas do curso ampliando a transdisciplinaridade.

3 – Justificativa

Dispositivos legais

As estratégias didático-pedagógicas que ocorrerão no interior das disciplinas específicas e pedagógicas do curso e os conteúdos curriculares que possibilitarão a viabilização de projetos para que se efetive as práticas como componentes curriculares vêm atender ao disposto na Resolução CNE nº 2 de 1º de julho de 2015, capítulo V, inciso I,

como também ao disposto na nova Resolução CEESP nº 111/2012, capítulo II, inciso II, item “c”, atualizada pela Deliberação CEE/SP nº 154/2017, quando determinam 400 horas de prática como componente curricular.

Dispositivos Didático-pedagógicos

Este projeto justifica-se pelo fato de que possibilitará aos discentes do curso de Licenciatura em História da FCLBP vivenciar experiências que lhes serão úteis importantes quando de suas próprias práticas docentes. Tendo conhecimento prévio das estratégias teórico-didático-pedagógicas inerentes ao ensino da História, o futuro professor estará melhor preparado para as experiências reais que o aguardam dentro dos diferentes espaços do processo ensino-aprendizagem, sejam eles formais ou informais.

4 – Objetivos

Com a aplicação do Projeto *Ensinar a Ensinar História* no interior das disciplinas próprias da Licenciatura e dando sustentação e suporte para a concretização das Práticas como Componentes Curriculares objetivamos:

- Promover entre os docentes do curso de História a discussão acerca da importância do conhecimento dos saberes docentes (saberes da formação profissional, saberes disciplinares, saberes curriculares e saberes experienciais)¹ para que possam mediá-lo aos futuros professores;
- Agenciar o conhecimento, a reflexão e o debate, entre os docentes do curso acerca das 10 competências profissionais (propostas por PERRENOUD, 2001), a saber: organizar e estimular situações de aprendizagem; gerar a progressão das aprendizagens; conceber e fazer com que os dispositivos de diferenciação evoluam; envolver os alunos em suas aprendizagens e no trabalho; trabalhar em equipe; participar da gestão da escola; informar e envolver os pais; utilizar as novas tecnologias; enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão; gerar sua própria formação contínua para que possam, igualmente, apresentá-las aos futuros professores em formação;
- Preparar nossos discentes para a prática docente por meio de experiências concretas de reflexão, debate, criação e ressignificação dos saberes teórico-práticos;

¹Saberes docentes na visão de TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. 2a edição. Petrópolis: Vozes, 2002:

Saber da formação profissional – conjunto de saberes transmitidos pelas instituições de formação de professores. Não se limitam a produzir conhecimentos, mas procuram também incorporá-los à prática do professor (...) esses conhecimentos se transformam em saberes destinados à formação científica ou erudita dos professores, e, caso sejam incorporados à prática docente, esta pode transformar-se em prática científica, em tecnologia de aprendizagem. (...) A articulação entre essas ciências e a prática docente se estabelece concretamente através da formação inicial ou contínua dos professores (2002, p. 36 e 37).

• **Saber disciplinar** – saberes de que dispõe a nossa sociedade, tais como se encontram hoje integrados nas universidades, sob forma de disciplina (...). Os saberes disciplinares (por exemplo, matemática, história, literatura, etc.) são transmitidos nos cursos e departamentos universitários independentes das faculdades de educação e dos cursos de formação de professores (2002, p. 38).

• **Saber curricular** – estes saberes correspondem aos discursos, objetivos, conteúdos e métodos a partir dos quais a instituição escolar categoriza e apresenta os saberes sociais por ela definidos e selecionados como modelos da cultura erudita e de formação para a cultura erudita. Apresentam-se concretamente sob a forma de programas escolares que os professores devem aprender a aplicar (2002, p. 38).

• **Saber experiencial** – Baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio. Esses saberes brotam da experiência e são por ela validados (2002, p. 39).

Confira: Há também as pesquisas sobre saberes docentes discutidas em: GAUTHIER, Clermont (et. al.), Tradução Francisco Pereira. *Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente* - Coleção Fronteiras da Educação. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

- Promover discussões transdisciplinares e interdisciplinares sobre as diferentes metodologias que podem ser empregadas no ensino de História;
- Apresentar possibilidades diferenciadas de utilização, em sala de aula ou em ambientes não formais de aprendizagem, de recursos didáticos já fortemente presentes no cotidiano escolar, bem como de recursos mais inovadores como softwares e outras mídias, jogos pedagógicos, etc.;
- Apresentar dinâmicas pedagógicas, seus objetivos e suas aplicações evidenciando que as mesmas podem ser apropriadas, recriadas, transformadas e/ou adaptadas;

5. Organização das etapas e desenvolvimento

No interior das disciplinas específicas e pedagógicas do curso de Licenciatura em História

Conteúdos específicos da licenciatura. A saber: História Antiga, História Medieval I e II, História Moderna I e II, História Contemporânea I e II, História do Brasil Colônia II, História do Brasil Império I e II, História do Brasil República I e II, História da África, Ensino de História e Arte, Patrimônio Histórico-Cultural e a prática docente, Gestão e documentação de acervos museológicos na escola, História Regional e Ensino de História e Cultura contemporânea.

Conteúdos didático-pedagógicos. A saber: Didática: docência, Psicologia da Adolescência, Currículo de História na Educação Básica, Antropologia e cotidiano escolar, Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio, Planejamento e gestão da escola e da sala de aula, Avaliação do desempenho escolar e o desenvolvimento profissional, Ensino de História e Cultura Indígena na Educação Básica e Educação e Inclusão.

A aplicação do projeto seguirá algumas etapas:

Etapas	Desenvolvimento
1ª Etapa Coordenador de Curso Colegiado	Reunião de Colegiado No início de cada semestre letivo, os docentes responsáveis pelos dois grupos de disciplinas deverão, a partir da análise da Base Nacional Comum Curricular de História (Ensino Fundamental – anos finais – e Ensino Médio) e Parâmetros Curriculares do Estado de São Paulo selecionar os conteúdos que serão privilegiados nas PCCs por meio de projetos ou sequências didáticas.
2ª Etapa Professor do Ensino Superior	Os professores responsáveis pelas disciplinas específicas do curso de licenciatura em História deverão organizar seu Plano de Ensino considerando aulas teóricas e práticas para garantir a organização dos espaços e materiais necessários. ✓ Deverão considerar em seu planejamento as orientações Curriculares do Estado de São Paulo, Parâmetros Curriculares Nacionais e BNCC. ✓ Deverão enviar ao coordenador de curso os cronogramas de aula e os planos elaborados considerando a PCC. ✓ Deverão apresentar aos alunos a proposta de trabalho do semestre explicando o diferencial contendo as aulas práticas (PCC). 2. Os professores deverão construir um contrato didático com a turma com ênfase no compromisso de estudo e trabalho, como também datas previstas de trabalhos, pesquisa e avaliações.
3ª Etapa Professor do Ensino Superior	Plano de aula do Professor 1- O plano de aula deverá considerar o movimento metodológico que contemple: ✓ O conhecimento dos alunos em relação ao assunto que será abordado; (conversa) ✓ Apresentação do contexto histórico epistemológico conceitual do tema abordado; (aula expositiva) ✓ Aprofundamento do assunto (pesquisa/estudo dirigido/discussão em grupo/debates) ✓ Relacionar os conceitos estudados com a realidade educacional e a prática pedagógica (estudo de caso, vídeos, relatos de experiência); ✓ Debates e discussões sobre o desafio e a problemática; ✓ Proposta de atividade: planejamento de um projeto interdisciplinar ou Sequência Didática envolvendo os alunos (Como ensinar...) ✓ Promover uma oficina de planejamento em parceria com o professor de Didática e Prática para escolha das metodologias de ensino (aula expositiva, estudo de caso, estudo do meio, jogos, seminários, debates, estudo dirigido, trabalhos em grupo e os recursos tecnológicos. Obs. Professor deverá repertoriar os alunos com modelos de planejamento e de atividades práticas relacionadas com o conteúdo estudado, como também vivenciar as diferentes metodologias em sala de aula para que possam compreender e fazer escolhas no momento do planejamento.
4ª Etapa Aluno das licenciaturas	Plano de aula elaborado pelo licenciando a. Elaboração de um plano de aula com metodologia diferenciada no qual deverão estar especificados: tema, quantidade de horas/aulas, público alvo, (objetivos, conteúdo, metodologia, recursos didáticos, conteúdos procedimentais e atitudinais, forma de avaliação, referências bibliográficas); b. Considerar alunos deficientes (pensar em atividades adaptativas);

	c. Encaminhamento do plano de aula elaborado para análise prévia e aprovação ao professor da disciplina; d. Aplicação do plano de aula para a turma; e. Apresentação, de planos discentes, em evento promovido pelo curso e pela faculdade (SEMACC ou no “Seminário de Socialização de boas Práticas”): • Comunicação/ banner; • Relato de experiência; • Estudo de caso com apresentação de resultados;
5ª Etapa Professor do Ensino Superior	a. Encaminhamento para coordenação dos planos elaborados pelos discentes; b. Encaminhamento via e-mail, de relatório (escrito e, se possível, fotográfico) da experiência do projeto; c. Disponibilização dos planos (dos professores e alunos) para todo o corpo docente e, posteriormente, ao corpo discente pela coordenação; d. Cronograma com as apresentações dos planos elaborados pelos discentes; e. Apresentação, de planos discentes, em evento promovido pelo curso e pela faculdade (SEMACC ou no “Seminário de Socialização de boas Práticas”);
5ª Etapa Coordenador de curso Professor Aluno do curso	Avaliação a) Atingiram os objetivos propostos no projeto? b) Atingiram os objetivos educacionais propostos pelos grupos? c) Indicar as dificuldades encontradas no desenvolvimento do projeto e o que precisa melhorar. d) Autoavaliação do processo formativo.

Observações:

- ✓ O professor poderá participar do GEDP - Grupo de Estudos Didático-pedagógico ofertado pela FESB através da Oficina Pedagógica às terças-feiras, das 17h às 19h.

Esclarecimentos

- **Elaboração de plano de aula:** *há dois modelos.* O **Modelo I** destinado aos professores e o **Modelo II** destinado aos discentes. Os itens são os mesmos. A descrição do que deverá constar em cada item é a diferença (público alvo, conteúdos, etc.). Existirá uma pasta no setor de Xerox com o tema do projeto onde ficarão disponíveis o projeto e os modelos de plano de aula. As orientações que vierem a ser elaboradas pelos professores também poderão ser disponibilizadas nesta pasta. Obrigatoriamente, todos os documentos deverão ser disponibilizados no *Portal Educacional*.

- **Encaminhamento, pelo docente do curso de História, para a coordenação, do plano de aula elaborado para análise prévia e aprovação.** Neste momento será verificado se os itens do plano foram preenchidos corretamente e se estão claros e concatenados. Qualquer sugestão ou alteração solicitada terá um prazo previamente estabelecido para reenvio.

- **Aplicação do plano de aula:** esta(s) aula(s) deverá(ao) ser discriminada(s) no cronograma da disciplina e devidamente registradas em diário de classe. Não poderá ser utilizado horário diferente daquele das aulas para ministrar a(s) mesma(s), afinal, a prática não pode estar dissociada da teoria, pois que são complementares.

- **Entrega e apresentação, por parte dos alunos do curso de História, dos planos de aula elaborados por eles a partir das orientações e auxílio do professor – correções e devolutiva aos discentes:** os professores poderão estipular os prazos para a entrega dos planos de aula dos alunos (que poderão realizar o mesmo individualmente ou em grupo, de acordo com as orientações dos professores). Na ocasião da entrega do plano, o aluno ou grupo deverá apresentar seu plano, explicando, principalmente, a metodologia que adotará para ensinar o conteúdo proposto (relato da sequência didática, que deverá estar pormenorizada no plano de aula). O professor fará as correções necessárias (no documento escrito) e deverá intervir oralmente na apresentação sempre que acreditar necessário; Planos corrigidos deverão ser retornados aos alunos e estes deverão entregar uma versão final ao professor que a encaminhará à coordenação. Um plano poderá ser escolhido para execução em sala de aula em alguma unidade escolar de ensino fundamental – anos finais – ou Ensino Médio desde que previamente autorizado pela Direção e sob a responsabilidade do professor da Unidade Escolar ou poderá fazer parte do estágio em sua categoria “regência” sob supervisão do professor responsável pelo estágio supervisionado.

- **Encaminhamento para coordenação dos planos elaborados pelos discentes:** após conferência das correções efetuadas pelo aluno ou grupo em seus planos, o professor deverá dar ciência, datar e assinar para entrega, via e-mail, à coordenação.

- **Encaminhamento relatório (escrito e fotográfico) da experiência do projeto:** após a finalização da aplicação do projeto *Ensinar a Ensinar História*, a experiência deverá ser registrada em relatório. O professor deverá descrever como foi a experiência de aplicação do projeto/aula e do retorno dos planos dos alunos. Realizar registros fotográficos das práticas discentes para o relatório (segue modelo de relatório em anexo).

- **Disponibilização dos planos (dos professores e alunos) para todo o corpo docente e, posteriormente, ao corpo discente:** após a entrega de todos os relatórios, será confeccionado, pela coordenação, um documento contendo todos os itens solicitados (projeto, planos de professores e alunos, relatórios finais das disciplinas e relatório final do projeto elaborado pela coordenação) a ser disponibilizado aos docentes e discentes do curso, bem como para demais coordenadores, direção e órgãos competentes (CEE).

No interior das disciplinas que trabalharão com projetos quando da Prática como Componente Curricular (PCC)

As disciplinas que elaborarão suas práticas a partir de projetos interdisciplinares são assim denominadas e visualizadas na Matriz Curricular:

Componentes Curriculares		Semestre
1	Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	1º
2	Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	2º
3	Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio	3º
4	Livro didático e paradidático e a prática docente: estratégias pedagógicas	4º
5	Ensino de História: oficinas em sala de aula	7º
6	Ensino de História: projetos transdisciplinares	8º

Os professores responsáveis pelos componentes deste grupo que estiverem alocados, na Matriz Curricular do Curso, a partir do 6º semestre, estabelecerão a relação com o estágio supervisionado.

O quadro apresentado às páginas 9, 10 e 11 deste projeto igualmente norteará a organização das PCCs deste grupo.

Estrutura das disciplinas que compõem esse quadro e justificativas das temáticas a serem trabalhadas:

Estas disciplinas, para que tenham definidas as temáticas a serem abordadas, receberão suporte dos Conteúdos Curriculares Específicos da Licenciatura em História. Em reuniões de colegiado a serem realizadas no início de cada semestre letivo, os docentes responsáveis pelos dois grupos de disciplinas deverão, a partir da análise da Base Nacional Comum Curricular de História (Ensino Fundamental – anos finais – e Ensino Médio) e Parâmetros Curriculares do Estado de São Paulo selecionar os conteúdos que serão privilegiados nas PCCs por meio de projetos.

Desse modo, poderão e deverão ser contemplados temas tratados nas diferentes temporalidades históricas (da Antiguidade à Contemporaneidade, História do Brasil, História da América e/ou História da África, etc.). De maneira mais singular, as abordagens igualmente poderão ser interdisciplinares quando, ao invés de conteúdos fechados, as PCCs trabalharem com conceitos que podem ser discutidos nos diferentes tempos da história. Como exemplo, a disciplina **3** poderá ter como uma das temáticas, a literatura no mundo antigo, exclusivamente, ou promover a interdisciplinaridade tratando das literaturas no decorrer da história, dando ênfase, sempre, e primordialmente, nas possibilidades didáticas, nas dinâmicas pedagógicas, na aplicabilidade prática desses conhecimentos.

OBSERVAÇÃO: Foi mantida a prática no componente *Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio* alocada no 1ª semestre do curso por entendermos ser importante que o aluno esteja preparado para a utilização de filmes (de forma integral ou parcial) e de documentários em sala de aula. Estes recursos, muito visualizados pelo público alvo (EF e EM) favorecem o aprendizado por meio da análise e discussão de suas inspirações/adaptações de eventos históricos.

No que se refere ao componente curricular de número 6, **Ensino de História: projetos transdisciplinares**, para além da temática própria ao ensino de História, deverá, necessariamente, elaborar projetos cuja transdisciplinaridade atenda uma ou mais áreas hoje estabelecidas legalmente: Matemática, Linguagem, Ciências Humanas e Ciências da Natureza.

Esclarecimentos

Todas as atividades práticas realizadas no interior dessas disciplinas deverão ser registradas em relatório próprio (modelo em anexo) e encaminhadas à coordenação do curso no final do semestre letivo.

A coordenação elaborará um relatório geral para fins de divulgação dos resultados obtidos para a Direção Acadêmica, Coordenação Pedagógica, colegiado, discentes, comunidade em geral (eventos do curso) e para constar em relatório de atividades a ser encaminhado ao CEE.

6 – Dos resultados esperados do projeto

Conforme o disposto no corpo do projeto, a Prática como Componente Curricular não objetiva que os professores em formação, orientados pelos docentes do curso, elaborem somente planos de aula acrescidos de metodologias diferenciadas. Igualmente, esperamos como resultados: a confecção de recursos didáticos como textos-guia (conteúdo), jogos, dinâmicas que se apropriem das diferentes TICs e programas, relatórios de pesquisa, debates, seminários, etc.

A prática não deverá ficar na confecção destes recursos, mas, essencialmente, na apresentação dos mesmos seja em sala de aula, em eventos do curso e/ou da Instituição e mesmo fora dela desde que supervisionada por docentes da casa e autorizadas pelos responsáveis dos espaços externos.

A Prática como Componente Curricular, portanto, buscará a aplicabilidade dos projetos desenvolvidos.

7– Considerações finais

A Educação Superior de qualidade é assegurada por legislações federal e estadual. Esperamos que com a execução do Projeto *Ensinar a Ensinar História*, estejamos contribuindo com uma formação de qualidade de futuros professores de História que deverão atuar nos anos finais dos Ensinos Fundamental e Médio. Objetivamos, igualmente, criar uma cultura de pesquisa-reflexão-prática em que os saberes docentes sejam os norteadores de um ensino crítico e eficaz, preocupado não só a com formação de futuros cidadãos, mas com uma formação de cidadãos que se preocupem e se ocupem de sua história, memória e cultura.

ANEXOS

CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO “ENSINAR A ENSINAR HISTÓRIA”

PLANO DE AULA

MODELO I – PROFESSOR

Obs.: apagar todas as informações em vermelho para entrega à coordenação

Tema: selecionar na Base Nacional Comum Curricular de História o tema diretamente relacionado à disciplina que ministra no curso de História da FCLBP;

Quantidade de horas/aulas: quantidade de horas/aulas necessárias para aplicação da aula elaborada;

Público alvo: semestre do curso no qual leciona no semestre atual;

Objetivos: o que pretende com este plano? **Deve conter aqui em algum momento a expressão “ensinar a ensinar”;** deve conter, igualmente, que pretende apresentar metodologia de ensino diferenciada;

Conteúdo: tópicos;

Metodologia: apresentar a sequência didática descritiva;

Recursos didáticos: recursos serão necessários para aplicação da metodologia escolhida. Caso seja necessária a compra de materiais, informar com antecedência à coordenação.

Avaliação: explicitar os critérios de correção e avaliação dos planos discentes;

Referências bibliográficas: colocar não somente as fontes que se utilizou para elaboração do plano, mas acrescentar fontes que indicarão aos alunos para a confecção dos planos dos mesmos;

CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO “ENSINAR A ENSINAR HISTÓRIA”

PLANO DE AULA

MODELO II – DISCENTES

Obs. 1: apagar todas as informações em vermelho para entrega ao professor

Tema: já fornecido pelo professor; NÃO alterar;

Quantidade de horas/aulas: quantidade de horas/aulas necessárias para aplicação da aula elaborada; considerar que se houver exibição de filme, são necessárias ao menos 4h/a para prévia explicação do mesmo, exibição e considerações finais; não ultrapassar 6h/a;

Público alvo: alunos de qual ano? (6º, 7º ano do Ensino Fundamental?..... 1º, 2º ou 3º ano do Ensino Médio???) – verificar em que momento o conteúdo é trabalhado na Base Nacional Comum Curricular;

Objetivos: diretamente relacionados ao tema da aula (até 5);

Conteúdo: neste momento, colocar apenas tópicos; após o plano, um texto-resumo do tema (com uma página) deverá acompanhar a documentação;

Metodologia: como ministrará esta aula? Procure utilizar metodologias diferenciadas indicadas por seu professor; apresentar a sequência didática descritiva;

Recursos didáticos: que recursos serão necessários para aplicação da metodologia escolhida? Se for exibir filme, colocar todos os dados do mesmo (não só o título); se for utilizar-se de jogos, os mesmos deverão acompanhar a entrega do plano, assim como as regras do jogo.

Avaliação: explicitar como se dará a avaliação da classe após aplicação do conteúdo e dinâmicas; tipos de avaliação. Acrescentar ao final do texto-resumo a avaliação que será aplicada, caso seja avaliação escrita.

Referências bibliográficas: colocar as fontes que se utilizou para elaboração do plano;

Obs. 2: O texto-resumo deverá ter o título da aula exposto de forma centralizada e conter uma página, como exposto acima; caso faça opção por utilizar recursos visuais (imagens, fotos, etc.), deverá ser mantida esta uma página para o texto escrito;

Sequência didática descritiva: descrever, aula a aula, como fará uso dos recursos elaborados durante as práticas.

CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO “ENSINAR A ENSINAR HISTÓRIA”

RELATÓRIO DE DISCIPLINA

Disciplina:

Professor responsável: colocar a titulação;

Ano: 20__ **Semestre:** é o semestre do curso (1º, 3º, 5º ou 7º - 2º, 4º, 6º ou 8º);

Data(s) da aplicação do Projeto “Ensinar a ensinar História”: aplicação do projeto do professor e da entrega/apresentação dos planos discentes;

Tema escolhido:

Metodologia utilizada:

Quantidade de planos de aulas apresentados pelos alunos: se em grupos, discriminar quantos e com quantos alunos cada;

Datas das apresentações:

Pontos positivos a serem destacados:

Principais ocorrências: problemas apresentados nos planos e apresentações;

Considerações Finais: fazer um balanço geral da aplicação do projeto, **apontar as contribuições do mesmo** e apresentar sugestões de mudanças (caso acreditem necessário).

CURSO DE HISTÓRIA

PROJETO “ENSINAR A ENSINAR HISTÓRIA”

DISCIPLINAS DE PROJETOS

RELATÓRIO DE DISCIPLINA

Disciplina:

Professor responsável: colocar a titulação;

Ano: 20__ **Semestre:** é o semestre do curso (1º, 3º, 5º ou 7º - 2º, 4º, 6º ou 8º);

Temática	Metodologia/dinâmica/estratégia	Recursos

Pontos positivos a serem destacados:

Principais ocorrências: problemas apresentados nos planos e apresentações;

Considerações Finais: fazer um balanço geral da aplicação do projeto, **apontar as contribuições do mesmo** e apresentar sugestões de mudanças (caso acreditem necessário).

Data:

Assinatura:

2 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		Descrição Sintética do Plano de Estágio	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica Específica para o Estágio
Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do art. 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:	I – 200 (duzentas) horas de estágio na escola, em sala de aula, compreendendo o acompanhamento do efetivo exercício da docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior;	Na Unidade escolar sob a supervisão do professor responsável pela classe e sob a orientação do professor da FESB. 100 horas de Observação, Participação e Regência no Ensino Fundamental II. 100 horas de Observação, Participação e Regência no Ensino Médio	BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores . São Paulo: Ed Avercamp, 2006. BIANCHI, Anna Cecilia de Moraes. Orientação para estágio em licenciatura . São Paulo: Pioneira, 2005. BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular . Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . FELICIO H. M. S.Oliveira, R. A. A. A formação prática de Professores no estágio curricular . Curitiba: Editora UFPR, 2008. FESB. Normas de Estágio . Bragança Paulista: FESB, 2016. PERRENOUD, PHILIPPE. A prática reflexiva no ofício do

			professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002. PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012. TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
II – 200 (duzentas) horas dedicadas ao acompanhamento das atividades da gestão da escola dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, nelas incluídas, entre outras, as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos da escola, reuniões de pais e mestres, reforço e recuperação escolar, sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, em outras áreas específicas, se for o caso, de acordo com o Projeto de Curso de formação docente da Instituição.	100 horas Ensino Fundamental II e 100 horas no Ensino Médio destinadas: Orientações do professor supervisor de estágio (documentação, comportamento, relação professor e aluno na escola, ética profissional, postura e profissionalismo. Atividades de planejamento de sequencias didáticas e projetos de intervenção para aplicação nas unidades escolares. Orientações e planejamento de projeto de recuperação ou reforço. Participação em HTPC, reuniões de Pais e Conselhos escolares. Discutir e planejar a gestão de classe, da escola e o que envolve o cotidiano escolar. Conhecer o funcionamento da escola Discutir as fragilidades e dificuldades do cotidiano escolar. Estudo de caso sob a orientação do professor de estagio e outros profissionais .	BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. São Paulo: Ed Avercamp, 2006.	BIANCHI, Anna Cecilia de Moraes. Orientação para estágio em licenciatura. São Paulo: Pioneira, 2005.
			BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016.
			Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf .
			FELICIO H. M. S.Oliveira, R. A. A. A formação prática de Professores no estágio curricular. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
			FESB. Normas de Estágio. Bragança Paulista: FESB, 2016.
			PERRENOUD, PHILIPPE. A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
			PIMENTA, Selma Garrido. O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
			TARDIF, Maurice. Saberes docentes e formação profissional. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

3- PROJETO DE ESTÁGIO APRESENTAÇÃO

Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Consulta na íntegra, em: Parecer CNE/CP nº 9, de 8 de maio de 2001. Essa Diretriz foi elaborada especificamente para a Formação de Professores da Educação Básica, mas, é oportuno destacar a congruência do texto inserido nas páginas 57 e 58, acerca do item “c) *Nos estágios...*”.

[...] O estágio obrigatório deve ser vivenciado ao longo de todo o curso de formação e com tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões da atuação profissional. Deve acontecer desde o primeiro ano, reservando um período final para a docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes. Para tanto, é preciso que exista um projeto de estágio planejado e avaliado

conjuntamente pela escola de formação e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e que as duas instituições assumam responsabilidades e se auxiliem mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esses “tempos na escola” devem ser diferentes segundo os objetivos de cada momento da formação. Sendo assim, o estágio não pode ficar sob a responsabilidade de um único professor da escola de formação, mas envolve necessariamente uma atuação coletiva dos formadores (p.57-58).

Nos cursos de formação de professores, a concepção dominante segmenta o curso em dois pólos isolados entre si: um caracteriza o trabalho na sala de aula e o outro, caracteriza as atividades de estágio. O primeiro pólo supervaloriza os conhecimentos teóricos, acadêmicos, desprezando as práticas como importante fonte de conteúdos da formação. Existe uma visão aplicacionista das teorias. O segundo pólo supervaloriza o fazer pedagógico, desprezando a dimensão teórica dos conhecimentos como instrumento de seleção e análise contextual das práticas. Neste caso, há uma visão ativista da prática. Assim, são ministrados cursos de teorias prescritivas e analíticas, deixando para os estágios o momento de colocar esses conhecimentos em prática.

Uma concepção de prática mais como componente curricular implica vê-la como uma dimensão do conhecimento que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional.

Por sua vez, o planejamento e a execução das práticas no estágio devem estar apoiados nas reflexões desenvolvidas nos cursos de formação. A prática, por outro lado, constitui momento privilegiado para uma visão crítica da teoria e da estrutura curricular do curso. Trata-se, assim, de tarefa para toda a equipe de formadores e não, apenas, para o “supervisor de estágio”.

Outro problema refere-se à organização do tempo dos estágios, geralmente curtos e pontuais: é muito diferente observar um dia de aula numa classe uma vez por semana, por exemplo, e poder acompanhar a rotina do trabalho pedagógico durante um período contínuo em que se pode ver o desenvolvimento das propostas, a dinâmica do grupo e da própria escola e outros aspectos não observáveis em estágios pontuais. Além disso, é completamente inadequado que a ida dos professores às escolas aconteça somente na etapa final de sua formação, pois isso não possibilita que haja tempo suficiente para abordar as diferentes dimensões do trabalho de professor, nem permite um processo progressivo de aprendizado.

As considerações acima estão baseadas no texto Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena, o qual inspira elaborar projetos que de fato revelem a intencionalidade das instituições de ensino, na realização das atividades de estágio, independente de curso ou nível de formação, para de fato e de direito, seja um ATO EDUCATIVO.

Esse documento tem por finalidade orientar o conjunto de normas e princípios para a realização do ESTÁGIO SUPERVISIONADO, na área de Licenciatura Plena, da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista.

O ESTAGIO SUPERVISIONADO objetiva propiciar a complementação do processo de ensino-aprendizagem, integrando o conteúdo curricular do curso, em termos de articulação teórico-prática, de aperfeiçoamento técnico-cultural, científico e formação profissional dos acadêmicos.

Com o propósito de contribuir para melhoria da qualidade do ensino de nossa graduação e da Escola Básica, este documento contém detalhadamente a sistemática a ser desenvolvida por todos os envolvidos no processo de estágio.

1 Realização do estágio supervisionado

1.1 Dimensão Legal

Leis que regulamentam o Estágio no País

- **A Lei 9.394/96**

Dispõe sobre o Art. 82. Os sistemas de ensino estabelecerão as normas para realização dos estágios dos alunos regularmente matriculados no ensino médio ou superior em sua jurisdição.

Parágrafo único. Os estágios realizados nas condições deste artigo não estabelecem vínculo empregatício, podendo o estagiário receber bolsa de estágio, estar segurado contra acidentes e ter a cobertura previdenciária prevista na legislação específica.

- **Regimento Escolar da Faculdade de Ciências e Letras de Bragança Paulista.**

CAPÍTULO IV - DA AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Artigo 102º - O Estágio Supervisionado consta de atividades de prática profissional, exercidas em situações reais de trabalho, sem vínculo empregatício, conforme Resolução 02 de 2002 CNE e Lei nº 11.788/08.

Artigo 103º - A avaliação do Estágio Supervisionado resultará da análise, pelo professor supervisor de estágio:

I - do cumprimento da carga horária de prática profissional prevista para o curso por legislação específica;

II - da qualidade, pertinência e adequação do relatório das atividades previstas no Projeto de Estágio Supervisionado;

III - do cumprimento dos prazos propostos para entrega dos relatórios das atividades propostas como Estágio Supervisionado.

Artigo 104º - Ao final da análise do desempenho dos alunos nas atividades previstas como Estágio Supervisionado, o professor emitirá para cada aluno:

I - Conceito SUFICIENTE, quando o desempenho do aluno corresponder aos objetivos propostos para o processo;

II - Conceito INSUFICIENTE, quando o desempenho do aluno não corresponder aos objetivos propostos para o processo.

• **Deliberação nº 111/2012 CEE.**

Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do artigo 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:

Inciso I - 200 (duzentas) horas de estágio na escola, compreendendo o acompanhamento do efetivo **exercício da docência** nos anos finais do **ensino fundamental e médio**, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior.

Inciso II - 200 (duzentas) horas dedicadas **a atividades de gestão do ensino**, nos anos finais do ensino fundamental e médio, nelas incluídas, entre outras, **as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos de escola, reunião de pais e mestres, reforço, recuperação escolar**, sob a orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, atividades teórico- práticas e de aprofundamento em áreas específicas de acordo com o Projeto Político Pedagógico do curso de formação docente.

• **Projeto Pedagógico dos cursos de licenciatura**

Artigo 1 - As atividades de estágio supervisionado são obrigatórias e não constituirão vínculo empregatício entre as partes envolvidas.

Artigo 2 - As atividades de estágio supervisionado deverão ocorrer a partir da 2ª metade do curso em questão e envolverão:

I. Aprendizagem dos conceitos teóricos que subsidiarão as atividades da prática de ensino e do estágio supervisionado;

II. Aprendizagem das orientações da Associação Brasileira de Normas Técnicas – ABNT para a elaboração de projetos e relatórios das atividades desenvolvidas como estágio supervisionado;

III. Construção de projetos que integrem a teoria estudada ao longo do curso com as experiências adquiridas em situações reais de ensino - aprendizagem nos campos de estágio;

IV. Competências para propor metodologias e cursos diferenciados que possibilite adequar o que deve ser aprendido às condições reais de aprendizagem dos alunos.

Artigo 3 - As atividades de estágio supervisionado serão realizadas a partir de convênios de parceria entre a Instituição proponente e a cedente de estágio, devidamente oficializados pelas partes envolvidas.

Artigo 4 - As atividades de estágio supervisionado envolverão:

I. Orientações para a realização do projeto e das atividades a serem desenvolvidas na escola cedente de estágio;

II. Visitas técnicas em Instituições prestadoras de serviços educacionais, preferencialmente, formais;

III. Projetos de intervenção em realidade diagnosticada que possam gerar alternativas de solução para os problemas detectados;

IV. Regência de aulas em área específica ou afim do curso em questão;

V. Atividades correlatas ao magistério na área do curso e devidamente aprovadas e acompanhadas pelos responsáveis envolvidos;

VI. Outras atividades julgadas pertinentes e importantes para a formação do futuro profissional da educação.

Artigo 5 - As atividades de estágio supervisionado ocorrerão a partir da orientação de professores supervisores da própria Instituição e da unidade campo de estágio.

Parágrafo Único: Cada projeto de estágio terá como supervisor o seu proponente, por tempo definido pela abrangência e adequação das propostas e somente será iniciado com a aprovação do supervisor responsável.

Artigo 6 - O aluno estagiário será avaliado em todas as etapas do seu processo de aprendizagem prática e o seu desempenho será registrado pelos conceitos:

- I. Suficiente (S), quando houver cumprido todas as exigências relativas a esta importante ação formadora de profissionais da educação;
- II. Insuficiente (I), quando não cumprir a contento as atividades programadas para estágios supervisionados.

Parágrafo único - A avaliação do estagiário será registrada em relatório circunstanciado, discutido e aprovado pelos supervisores responsáveis e pelo colegiado do curso.

Artigo 7 - Aluno com rendimento insuficiente em atividades de estágio supervisionado ficará em dependência pelo tempo necessário para refazer seu projeto e cumprir as determinações dos professores responsáveis pelos diferentes projetos.

Parágrafo único – Para isso não poderá ultrapassar os períodos, mínimo e máximo, definidos legalmente para integralização do curso em questão.

1.2 Dimensão Operacional - atribuições

O Instituto Superior de Educação – ISE mantido pela Fundação Municipal de Ensino Superior de Bragança Paulista - FESB entende que nenhuma formação docente será eficiente, eficaz e efetiva se não estiver embasada por princípios teóricos que se justifiquem em práticas e vinculadas ao cotidiano das instituições de Educação Básica nas quais se efetivam o processo educacional sistematizado.

Nesse sentido as atividades de **Prática como Componente Curricular-PCC** e o **Estágio Supervisionado** assumem importância fundamental na formação dos futuros docentes, pois propiciarão a oportunidade aos mesmos de exercitarem a transposição didática e isto será o diferenciador qualitativo de sua formação.

Para cada discente é obrigatória a integralização da carga horária total de prática de ensino prevista no currículo do curso, nela sendo desenvolvido todo aspecto teórico e prático necessário para a formação docente no processo de Estágio Supervisionado.

As atividades de ESTÁGIO SUPERVISIONADO serão:

- ✓ coordenadas por docentes do ISE referentes aos conhecimentos específicos da área ou disciplina de formação e;
- ✓ supervisionadas por um segundo docente com formação específica na área objeto de habilitação na licenciatura e formação pedagógica ou (pós-graduação em Educação) tendo como perfil, a experiência na docência de nível Educação Básica nas disciplinas objeto de formação da Licenciatura do curso. Ambos serão designados pela Coordenação do Curso e homologados pelo dirigente acadêmico.

O estágio deve acontecer nos 6º, 7º e 8º semestres, reservando um período final para a docência compartilhada, sob a supervisão da escola de formação, preferencialmente na condição de assistente de professores experientes.

Para tanto, existe um projeto de estágio que será avaliado conjuntamente pela escola de formação e as escolas campos de estágio, com objetivos e tarefas claras e sob a responsabilidade das duas instituições que deverão se auxiliar mutuamente, o que pressupõe relações formais entre instituições de ensino e unidades dos sistemas de ensino. Esse “tempo na escola” deverá ser diferente segundo os objetivos de cada momento da formação e deverá ser orientado e supervisionado por um professor do curso de Licenciatura, especializado na área, que deverá seguir a legislação vigente- Amparo Legal: Deliberação nº 111/2012 CEE.

O ESTÁGIO SUPERVISIONADO, como obrigação curricular nos Cursos Superiores de Graduação, está regido em conformidade com as Diretrizes Curriculares para o curso de Licenciatura Plena, totalizando 400 horas ao longo do curso, a partir do 5º semestre, conforme a distribuição abaixo:

6º semestre: 160 horas

7º semestre: 160 horas

8º semestre: 80 horas

O Estágio deve ser comprovado e sua aprovação é condição indispensável para que o aluno seja diplomado. Somente pode colar grau o aluno aprovado no Estágio. Desta forma, a proposta aqui apresentada pretende valorizar e conscientizar o alunado sobre a importância de sua participação legítima nas atividades de Estágio.

Supervisor do Estágio: É função do supervisor de estágio coordenar, acompanhar e orientar o desenvolvimento do estágio supervisionado, auxiliando o Estagiário, durante todo o período de duração dos trabalhos. Assim o mesmo será responsável em:

- orientar e acompanhar o desenvolvimento dos trabalhos dos alunos durante o Estágio Supervisionado;
- manter contato com a U.E., quando necessário;
- indicar bibliografia e outras fontes de consulta;
- avaliar os relatórios entregues pelos alunos e pela EU;
- avaliar periodicamente o estagiário, indicando, se necessário, as alterações no cronograma;
- estar atento à postura ética requerida pelo processo.

Supervisor na UE de estágio (professor, coordenador ou diretor): Compete ao supervisor de estágio na U.E. (professor, coordenador ou diretor):

- introduzir o aluno estagiário na EU;
- orientar, acompanhar e organizar as atividades práticas do estagiário na UE;
- oferecer os meios necessários à realização do estágio;
- auxiliar o estagiário nas suas dificuldades, medos e ansiedades;
- manter contato com a instituição, quando necessário;
- encaminhar a Ficha de Avaliação de Estágio Supervisionado preenchida e assinada;
- assinar a Ficha de Estágio.

Estagiário: ao estagiário compete:

- identificar a UE onde irá desenvolver o estágio;
- providenciar documentação exigida (item 2.3), acatando as exigências legais da Faculdade;
- comparecer aos encontros com seu orientador de estágio (na Faculdade), cumprindo as tarefas que lhe forem atribuídas;
- apresentar ao professor orientador o Projeto/ Plano de Estágio e Relatórios de Atividades de acordo com o cronograma de seu projeto de estágio;
- apresentar a Pasta de Estágio (ou o CD) , de acordo com o Cronograma de seu projeto de estágio e conforme agendamento do professor supervisor de estágio.

1.3 Campo de estágio

O Estágio pode ser realizado na rede de ensino pública ou privada de Ensino Fundamental (séries finais) de 6º a 9º ano regular e EJA e Ensino Médio regular e EJA (Educação de Jovens Adultos), conforme cadastramento da Faculdade com as UEs e designação do supervisor de estágio em cada semestre.

A escolha da escola onde será realizado o estágio compete ao aluno (estagiário), e o desenvolvimento do estágio deve ser em todos os anos/série e de forma equilibrada.

A vinculação do aluno como estagiário na UE poderá ser feita somente mediante a apresentação de Termo de Compromisso de Estágio, sem qualquer vínculo empregatício (temporário ou não).

1.3.1 Documentações exigidas

1º Momento (Documentos para UE e para a Pasta de Estágio: tudo em duas vias):

- requisitar na secretaria da FESB declaração de apólice de seguro para a UE;
- imprimir ou xerocar Carta de apresentação do Estagiário e apresentar para a supervisora de estágio assinar;
- imprimir ou xerocar Ficha de identificação do estagiário e colar foto (optativo);
- imprimir ou xerocar Termo de Compromisso;
- imprimir ou xerocar ficha de informação sobre a escola;
- contatar o responsável por estágio na UE (direção ou coordenação) para solicitar a oportunidade de cumprir o estágio (Obs.: algumas escolas solicitam o projeto de estágio que pode ser este manual como proposta geral, pois o projeto somente é desenvolvido após conhecer a UE);

- após aceitação como estagiário, anotar os horários das aulas e solicitar à escola que comunique aos professores que receberão o estagiário.

2º Momento: durante o Estágio

- no primeiro dia, chegar mais cedo e apresentar-se ao inspetor de alunos e ao professor da classe **ANTES DE ENTRAR NA SALA DE AULA**;
- em todos os períodos de presença na escola, assinar o livro de controle de estágio;
- em todos os períodos de presença na sala de aula, apresentar a ficha cumulativa preenchida para o professor responsável pela classe assinar (**exceto eventuais e não graduados – neste caso, solicitar assinatura do diretor ou coordenador**);
- registrar suas observações em relação a: metodologias utilizadas, interação aluno-professor, aluno-material-meio, gerenciamento da classe, plano/planejamento de ensino, postura do alunado e do professor etc.;
- redigir os Relatórios de Atividades de acordo com o modelo oficial;
- elaborar, de acordo com os modelos oficiais, as fichas Cumulativas e fichas de Atividades.

3º Momento: após concluir o Estágio.

- solicitar o carimbo do diretor e assinatura **no verso** das Fichas Cumulativas;
- entregar todos os documentos do estágio **no prazo** acordado com o supervisor de estágio;
- dentro do prazo acordado com o Supervisor de Estágio e levando em conta o período para leitura e avaliação dos documentos, **apresentar a pasta de estágio com os devidos relatórios de atividades. (CD ou Pasta).**

1.3.2 Critérios de Avaliação

Artigo 88 – O Estágio Supervisionado consta de atividades de prática profissional, exercidas em situações reais de trabalho, sem vínculo empregatício.

Parágrafo único – Para cada discente é obrigatória a integralização da carga horária total de estágio de prática profissional prevista no currículo do curso, nela podendo-se incluir as horas destinadas ao planejamento, orientação paralela e avaliação das atividades realizadas.

Artigo 89 - O Estágio Supervisionado é coordenado pelo Coordenador de Curso e supervisionado por docente por ele designado.

Parágrafo único – Os Estágios Supervisionados obedecerão ao regulamento próprio, elaborado pelo Coordenador de Curso e aprovado pela Direção Acadêmica.

Artigo 90 – A avaliação do Estágio Supervisionado resultará da análise, pelo professor supervisor de estágio:

I – do cumprimento da carga horária de prática profissional prevista para o curso por legislação específica;

II – da qualidade, pertinência e adequação do relatório das atividades previstas no Projeto de Estágio Supervisionado;

III – do cumprimento dos prazos propostos para entrega dos relatórios das atividades propostas como Estágio Supervisionado.

O aluno terá prazo definido de entrega do CD ou Pasta de Estágio Supervisionado, e seu descumprimento poderá acarretar a reprovação do aluno neste componente curricular

A reprovação do aluno, por não tê-lo cumprido, implica na obrigatoriedade de sua rematrícula, no semestre letivo subsequente, como dependência. Esgotado o prazo regulamentar de entrega do CD ou Pasta de Estágio Supervisionado, o professor supervisor poderá marcar nova data, para a entrega, inclusive durante o próximo semestre, devendo o aluno, neste caso, estar regularmente matriculado no Estágio como dependente.

Ao final da análise do desempenho dos alunos nas atividades previstas como Estágio Supervisionado, o professor emitirá para cada aluno:

I – Conceito **SUFICIENTE**, quando o desempenho do aluno corresponder aos objetivos propostos para o processo;

II – Conceito **INSUFICIENTE**, quando o desempenho do aluno não corresponder aos objetivos propostos para o processo.

Parágrafo único – Dos conceitos atribuídos caberão recursos ao Coordenador de Curso, Diretor Acadêmico e Conselho de Ensino Pesquisa e Extensão, respectivamente.

1.4 Atividades de Estágio

As atividades de Estágio Supervisionado serão divididas ao longo de três semestres contemplando 200 horas de atividades na Unidade Escolar e 200 horas em atividades na Instituição de Ensino Superior e na Unidade Escolar.

Segue um quadro com as subdivisões da carga horária e atividades que deverão ser desenvolvidas .

As atividades de Estágio seguindo as orientações previstas no Projeto de **Estágio Supervisionado I** do curso de Licenciatura em História deverá cumprir às **160 horas de estágio - Ensino Fundamental** no _____ semestre de _____, distribuídas da seguinte forma:

	Modalidade	Nº de horas
1	Orientações realizadas pelo professor/supervisor de Estágio na FESB - Noções teóricas/Supervisão de estágio • Orientações sobre estágio (objetivos, modalidades, distribuição de horas (5 horas) • Elaboração Projeto Individual de Estágio. (5 horas) • Relatórios Observação/Participação/Regência. (5 horas) • Apresentação de resultados de pesquisa. (5 horas)	20
2	Observação – Participação – Regência (FESB) Observação - Realizada em sala de aula das regências dos outros grupos – com avaliação registrada. (5 horas) Participação: Projeto de Intervenção (elaboração) + exposição em forma de painel. (5 horas) Regência (10 horas) • Levantamento Bibliográfico e pesquisa (5 horas) • Planejamento de Sequência Didática (5 horas) • Produção de Material Didático (5 horas) • Apresentação da aula para turma (5 horas)	40

3	Unidade escolar de Ensino Fundamental - Observação, Participação e Regência Observação (40 horas) Participação (20 horas) Conhecimento da escola (10 horas) Identificação e Histórico da UE, Dados físicos e características, Cursos Ministrados e Turnos, Núcleo de Direção, Núcleo Técnico Pedagógico, Calendário Escolar, Conselhos de Classe/Séries, Processos de Avaliação, Projetos desenvolvidos Pesquisa (10 horas) - Análise de plano de cursos na área: _____ (10 horas) - Entrevista com alunos + conclusões (5 horas) - Entrevista com professores + conclusões (5 horas) - Entrevista com equipe gestora: direção e coordenação (5 horas) Planejamento e desenvolvimento do trabalho pedagógico no Ensino Fundamental II (Unidade Escolar) (10 horas) - O uso do Livro Didático em Sala de Aula - Conteúdo - Metodologia - Interdisciplinaridade - Recursos e Material de Apoio Didático - Estratégias Pedagógicas para aulas de reforço e recuperação - Análise das orientações didáticas e dos recursos para desenvolver o trabalho em sala de aula 10 horas) Participação das discussões das problemáticas no cotidiano escolar e dos resultados educacionais em reuniões de pais, conselhos escolares e HTPC.	100
TOTAL DE HORAS		160

Seguindo as orientações previstas no Projeto de **Estágio Supervisionado II** do curso de Licenciatura em História, deverá cumprir às **160 horas de estágio** - Ensino Médio no _____ semestre de _____, distribuídas da seguinte forma:

	Modalidade	Nº de horas
1	Orientações realizadas pelo professor/supervisor de Estágio na FESB - Noções teóricas/Supervisão de estágio - Orientações sobre estágio (objetivos, modalidades, distribuição de horas (5 horas) - Elaboração Projeto Individual de Estágio. (5 horas) - Relatórios Observação/Participação/Regência. (5 horas) - Apresentação de resultados de pesquisa. (5 horas)	20

2	Observação – Participação – Regência (FESB) Observação - Realizada em sala de aula das regências dos outros grupos – com avaliação registrada. (10 horas) Participação: Projeto de Intervenção (elaboração) + exposição em forma de painel. (10 horas) Regência (20 horas) • Levantamento Bibliográfico • Plano de Sequência Didática • Produção de Material Didático • Regência	40
3	<u>Unidade escolar de Ensino Médio</u> Observação, Participação e Regência Observação (40 horas) Participação (20 horas) Conhecimento da escola (10 horas) • Identificação e Histórico da UE, Dados físicos e características, Cursos Ministrados e Turnos, Núcleo de Direção, Núcleo Técnico Pedagógico, Calendário Escolar, Conselhos de Classe/Séries, Processos de Avaliação, Projetos desenvolvidos Pesquisa (10 horas) • Análise de plano de cursos. • Entrevista com alunos + conclusões. • Entrevista com professores + conclusões. • Entrevista com equipe gestora: direção e coordenação. Planejamento e desenvolvimento do trabalho pedagógico no Ensino Médio (Unidade Escolar) (10 horas) • O Uso do Livro Didático em Sala de Aula • Conteúdo • Metodologia • Interdisciplinaridade • Recursos e Material de Apoio Didático • Estratégias Pedagógicas • Análise das orientações didáticas e dos recursos para desenvolver o trabalho em sala de aula. (10 horas) Participação das discussões das problemáticas no cotidiano escolar e dos resultados educacionais em reuniões de pais, conselhos escolares e HTPC.	100
TOTAL DE HORAS		160

Seguindo as orientações previstas no Projeto de **Estágio Supervisionado III** do curso de Licenciatura em História, deverá cumprir às **80 horas de estágio** - FESB no _____ semestre de _____, distribuídas da seguinte forma:

	Modalidade	Nº de horas
1	Orientações realizadas pelo professor/supervisor de Estágio na FESB - Noções teóricas/Supervisão de estágio Estudos de caso e aprofundamento de temas que aborde a problemática da educação básica e o cotidiano da sala de aula com a participação de profissionais nas áreas de: Serviço Social, Saúde, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e Adolescente, Psicólogos, Pedagogos, Diretores e coordenadores de escola. Proposta de intervenção e planejamento de possíveis ações	20
2	Observação – Participação – Regência (FESB) Estudo e pesquisa direcionada para aprofundamento Participação de seminários e roda de debates de acordo com as temáticas de aprofundamento com apresentação de propostas de intervenção.	40
3	Atividades Correlatas Aqueles com relação direta ao magistério como análise de textos ou documentos oficiais, planos e planejamentos de aula ou de ensino, escrituração de diário de classe, estudo no laboratório entre outras.	20
TOTAL DE HORAS		80h

1.5 Objetivos do Estágio

Durante a realização do estágio supervisionado, o estudante deverá:

- avaliar a teoria discutida em sala de aula, a prática do professor, vivenciada em instituições de ensino fundamental e médio, visando proporcionar ao futuro profissional o amadurecimento necessário para que coloquem em prática habilidades, atitudes e os conhecimentos construídos ao longo do curso;
- elaborar diagnósticos técnicos das situações observadas ao longo das atividades de estágio supervisionado, propondo projetos com alternativas para a solução de problemas detectados;
- desenvolver uma visão global da realidade na qual vai atuar e das relações que se estabelecem entre a escola e a comunidade onde está inserida, mediante o contato com diferentes situações específicas e diferentes sujeitos da ação profissional pretendida, escolhendo as estratégias adequadas a cada situação específica;
- conscientizar-se a respeito do papel, das funções, dos direitos e deveres do profissional na sua área específica de atuação;
- observar e identificar procedimentos diferenciados utilizados pelos profissionais em suas áreas específicas de atuação, criticando, apontando aspectos facilitadores e dificultadores do processo pedagógico, vantagens, desvantagens e riscos das intervenções efetivadas;
- identificar, a partir de uma postura crítica e reflexiva, suas possibilidades e limitações e idealizar comportamentos mais adequados à profissão escolhida.

1.6 Modalidades de Estágio

OBSERVAÇÃO: observar na aula/seminário: ética – voz de comando – metodologia – relacionamento – interação etc.;

PARTICIPAÇÃO: ajuda/ auxílio ao professor em aula/ seminário;

REGÊNCIA: reger/ comandar aulas e/ou seminários.

1.6.1 Modalidades de Atividades

1.6.1.1 Atividades complementares com certificado e/ou declaração

Eventos culturais, pedagógicos e/ou científicos, cursos palestras, oficinas, visitas técnicas com professor supervisor ou monitor designado por ele, desenvolvimento / participação em projetos sociais e científicos, monitoria, participação em reuniões pedagógicas e auxílio no recreio da UE.

1.6.1.2 Atividades correlatas

São aquelas com relação direta ao magistério como análise de textos ou documentos oficiais, planos e planejamentos de aula ou de ensino, escrituração de diário de classe, estudo no laboratório entre outras.

Observação 1: somente professores formados podem assinar a ficha cumulativa e, em sua ausência, o diretor ou vice-diretor da escola poderá assinar (prof. Eventual, não).

Observação 2: o número máximo de atividades de estágio por dia é de 06 horas.

1.7 Objetivos e estrutura do projeto de estágio supervisionado

1.7.1 Objetivos

O gênero textual projeto tem por finalidade organizar atividades futuras de forma detalhada. Assim, é essencial para o desenvolvimento do estágio supervisionado a fim de proporcionar ao aluno uma reflexão *a priori* de sua experiência em campo.

Este documento, o projeto de estágio, deve ser entregue para o professor supervisor de estágio no início do semestre (conforme agendamento), após diagnóstico da UE.

1.7.2 Estrutura do Projeto

- Cópia da carta de apresentação do estagiário assinada e carimbada pelo diretor;
- Cópia do documento TERMO DE COMPROMISSO;
- Objetivos do Estágio;
- Dados do estagiário (origem, idade, profissão, experiências acadêmicas, culturais e profissionais);
- Dados da UE (descrição sobre a escola: Infraestrutura, plano de gestão, projeto pedagógico, corpo docente e discente, funcionários);
- Atividades que pretende desenvolver nas áreas de conhecimento proposto pelo curso.

1.8 Objetivos e estrutura do relatório de estágio supervisionado

1.8.1 Objetivos

O gênero textual relatório tem por finalidade apresentar o desenvolvimento das atividades de forma reflexiva e articulada com os estudos, ilustrando com cópias das experiências adquiridas, sempre que possível, e de acordo com modelo oficial a ser divulgado.

1.8 Estrutura do Relatório de Estágio

- Objetivos do Estágio;
- Dados do estagiário (origem, idade, profissão, experiências acadêmicas, culturais e profissionais);
- Dados da UE (descrição sobre a escola: Infraestrutura, plano de gestão, projeto pedagógico, corpo docente e discente, funcionários);
- Descrição/relato das atividades desenvolvidas.

1.9 Orientações quanto à apresentação da pasta de estágio (ou cd)

Entregar o material solicitado sempre no prazo, redigido de acordo com a ABNT de 2002.

1.9.1 Forma

Pasta de papelão (preta) para folhas furadas ou CD contendo:

- a) documentos do estágio do item 2.4 (**exceto as fichas cumulativas que não podem ser furadas nem grampeadas** e devem estar destacadas dentro de folha plástica);
- b) atividades: projeto de estágio, relatórios, resenhas, resumos, análise de atividades etc.

1.9.2 Fichas Cumulativas da UE de Atividades

- Não podem conter rasuras;
- devem ser assinadas e carimbadas no verso pelo diretor da UE;
- as horas devem ser contabilizadas por HORA-AULA;
- devem estar sempre em ordem cronológica;
- devem ser assinadas pelo professor da UE no mesmo dia do estágio ou no máximo na mesma semana.

1.10 Orientações para planejamento de projeto ou sequência didática (sd) para intervenção na U.E.

São situações didáticas em que professor e alunos se comprometem com um propósito e com um produto final; em um projeto, as ações propostas ao longo do tempo têm relação entre si e fazem sentido em função do produto que se deseja alcançar. Entretanto, a defesa dos projetos como modalidade privilegiada de organização dos conteúdos escolares não garante que todos os temas/assuntos possam ser abordados por meio de projetos. É tarefa do professor identificar qual a melhor forma de abordar o que deve ensinar aos alunos.

O projeto é uma modalidade organizativa pertinente para desenvolver determinados conteúdos de forma significativa, desenvolvendo competências. É necessário que as questões partam do grupo, que estejam diretamente ligados aos interesses dos alunos e permitam o estabelecimento de múltiplas relações, ampliando o conhecimento de professores, alunos, pais e comunidade escolar sobre um assunto específico e também proporcionar a aproximação das práticas sociais reais de uso.

O trabalho com projetos possibilita a articulação com outras áreas do conhecimento, ou seja, permite a interdisciplinaridade e a transversalidade, além da inserção da educação de forma ampla na cultura, como também valoriza o trabalho do professor que, em vez de ser alguém que reproduz ou adapta o que está nos livros didáticos e nos manuais, passa a ser um pesquisador de seu próprio trabalho.

O professor torna-se alguém que também busca informações sobre o tema eleito, incentiva a curiosidade e a criatividade do grupo e, sobretudo, entende as crianças e os adolescentes como sujeitos que têm uma história e que participam ativamente do mundo construindo e reconstruindo a cultura na qual estão imersos.

1.10.1 O projeto deve contemplar

- Objetivo (compartilhado com os alunos);
- Justificativa (Por que);
- Objetivos específicos e conteúdos (O que se espera que os alunos aprendam);
- Etapas previstas (Cronograma);
- Produto final (Resultado do trabalho).

É importante destacar que os projetos e/ou as sequências didáticas se organizam em uma lógica de desenvolvimento do trabalho pedagógico para que o aluno possa construir o conhecimento de forma significativa.

1.10.2 Orientações para elaboração de projetos ou sequências didáticas (SD)

- 2 Quais atividades e tarefas serão realizadas?
- 3 Como e quando serão realizadas?
- 4 Quais recursos e materiais serão necessários?
- 5 Quanto tempo para cada atividade?
- 6 Quem serão os responsáveis pelas tarefas?

1.10.3 Etapas para planejamento de um Projeto ou SD².

ETAPAS PARA PLANEJAMENTO DE UM PROJETO OU S.D.	
1ª Etapa Apresentação	Apresentação do Projeto ou SD aos alunos. • Como será apresentado?
	Levantamento dos materiais necessários para realização das atividades. • Quais materiais?
	Discutir com os alunos o produto final • Qual será o produto final e quando acontecerá? • Quem participará?
2ª Etapa Desenvolvimento das atividades Atividades	Levantamento de conhecimentos prévios sobre o assunto que será trabalhado. Como será organizado/planejamento • Roda de conversa para apresentação e registro do que os alunos já sabem? • Imagens ou vídeos como disparadores do tema que será estudado? • Leitura de um texto? • Situações problema?
	Pesquisa realizada pelo professor/estagiário sobre o assunto que será trabalhado e a organização do trabalho. • Onde encontrar o material para o projeto? • Que tipo de pesquisa precisa realizar? • Como serão organizados os espaços? • Quais recursos? • Quantos dias da semana? • Em que local?
	Realização do estudo sobre o assunto. • Como será organizado o desenvolvimento das atividades? • Qual a frequência? (Semanal, duas vezes na semana) • Em que espaço? (Sala de aula, pátio, laboratório, biblioteca...) Registro sistematizado das atividades • Qual é o tema e o conteúdo que será trabalhado? • Quais serão as atividades? • Material necessário? ✓ Tecnologia

²DOLZ, J. e SCHNEUWLY, B. *Gêneros orais e escritos na escola*. São Paulo: Mercado das Letras, 2004.

	✓ Laboratório ✓ Textos ✓ Outros
3º Etapa Socialização Apresentação	Produto final • O que será apresentado? (Seminário, produção de um texto, feira de ciências, sarau, maquete, outros. • Como será organizado? • Qual espaço? Sala de aula, pátios, biblioteca, sala de vídeo outros • Material necessário? • Pessoas envolvidas (coordenador, professor, aluno, estagiário...
4º Etapa Avaliação	Avaliação e autoavaliação. 7 Como será avaliado o trabalho? 8 O que será avaliado?

4- EMENTAS E BIBLIOGRAFIA BÁSICA

Estágio Supervisionado I

Análise do meio de aprendizagem por meio da observação e registro sobre a escola e a sala de aula (Ensino Fundamental – anos finais). Pode compreender: a) conteúdos e metodologias na sala; b) noções de tempo e espaço no trabalho do professor e para o aluno; c) utilização de materiais didáticos em sala. Deve abordar os mais diversos aspectos da atuação institucional (conhecimento da escola) e profissional bem como a elaboração de relatórios referentes às aulas ministradas pelos professores na escola, equipe gestora e sujeitos escolares.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Ed Avercamp, 2006.
 BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. **Orientação para estágio em licenciatura**. São Paulo: Pioneira, 2005.
 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016.
 Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.
 FELICIO H. M. S.Oliveira, R. A. A. **A formação prática de Professores no estágio curricular**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
 FESB. **Normas de Estágio**. Bragança Paulista: FESB, 2016.
 PERRENOUD, PHILIPPE. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
 PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
 TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Estágio Supervisionado II

Análise do meio de aprendizagem por meio da observação e registro sobre a escola e a sala de aula (Ensino Médio). Pode compreender: a) conteúdos e metodologias na sala; b) noções de tempo e espaço no trabalho do professor e para o aluno; c) utilização de materiais didáticos em sala. Deve abordar os mais diversos aspectos da atuação institucional e (conhecimento da escola) e profissional bem como a elaboração de relatórios referentes às aulas ministradas pelos professores na escola, equipe gestora e sujeitos escolares.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Ed Avercamp, 2006.
 BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. **Orientação para estágio em licenciatura**. São Paulo: Pioneira, 2005.
 BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016.
 Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.
 FELICIO H. M. S.Oliveira, R. A. A. **A formação prática de Professores no estágio curricular**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
 FESB. **Normas de Estágio**. Bragança Paulista: FESB, 2016.
 PERRENOUD, PHILIPPE. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
 PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

Estágio Supervisionado III

Aprofundamento de temas sobre a Educação Básica, sobre o ensino de História e sobre o cotidiano da sala de aula. Análise e discussão sobre diferentes documentações e bibliografias relacionadas à questão do magistério. Elaboração de propostas de intervenção.

BARREIRO, I. M. de F.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Ed Avercamp, 2006.

BIANCHI, Anna Cecília de Moraes. **Orientação para estágio em licenciatura**. São Paulo: Pioneira, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016.

Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

FELICIO H. M. S.Oliveira, R. A. A. **A formação prática de Professores no estágio curricular**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

FESB. **Normas de Estágio**. Bragança Paulista: FESB, 2016.

PERRENOUD, PHILIPPE. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

1. Estratégias de Leitura e Produção de Texto

Revisão e distinção entre gêneros textuais, bem como a aplicação destes no processo de leitura e produção de textos. Estudo sobre procedimentos de manutenção da coerência textual. Estudo de recursos linguísticos e de coesão textual. Aplicação dos procedimentos acadêmicos e metodológicos para a produção de textos. Estudo de estratégias de leitura para a utilização e análise de redações e atividades acadêmicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRODBECK, Jane T.; COSTA, Antônio J. H.; CORREIA, Vanessa L. **Estratégias de leitura em língua portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

FONTANA, Niura M.; PAVIANI, Neire M. Soldatelli; PRESSANTO, Isabel M. P. **Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

HARTMANN, Shirley Horácio de G.; SANTAROSA, Sebastião D. **Práticas de leitura para o letramento no ensino superior**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda M. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2010.

PRESSANTO, Isabel M. P. **Práticas de linguagem: gêneros discursivos e interação**. Caxias do Sul: EDUCS, 2009.

2. História da Antiguidade Oriental

Estudo, análise e reflexão da cultura antiga oriental (persa e egípcia) por meio da historiografia antiga e moderna sobre o período, bem como de fontes iconográficas. Reflexão sobre a interface entre a historiografia e a prática de ensino dos conteúdos contemplados com base na BNCC, além da confecção de recursos didáticos diversificados para utilização em sala de aula. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

DONADONI, Sérgio (dir.). **O homem egípcio**. Lisboa: Presença, 1990.

FUNARI, Raquel dos Santos. **Imagens do Egito Antigo**: um estudo de representações históricas. São Paulo: Annablume/Unicamp: 2006. (REVISÃO)

JOÃO, Maria Thereza David. **Tópicos de História Antiga Oriental**. Curitiba/PR: InterSaberes, 2013.

MOURREAU Jean-Jacques. **A Pérsia dos Grandes Reis e de Zoroastro**. Editora: Otto Pierre, 1987.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

3. História do Brasil Colônia I

Estudo da conquista e colonização da América Portuguesa e sua interface com o cenário europeu do século XVI. Intersecção entre o conteúdo teórico (BNCC) e prático com a confecção de recursos e dinâmicas pedagógicas. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

ALENCASTRO, Luis Felipe de. **O Trato dos Viventes**: a formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PESTANA, Fábio. **Por mares nunca dantes navegados**: a aventura dos descobrimentos. São Paulo: contexto, 2008. (REVISÃO)

PRADO JR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

4. Ensino de História e Cultura Filmográfica no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio

Reflexão acerca da relação história e cinema. Análise e elaboração de dinâmicas didáticas a serem ministradas nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, cujos recursos principais sejam filmes e documentários. O cinema enquanto recurso didático no auxílio da construção de outras temporalidades e interdisciplinaridade e ainda como auxílio, em sala de aula, à formação dos conceitos históricos. (PEEH)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CARDOSO, Ciro Flamarion S.; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. 2.ed. Rio de Janeiro: Campus: Elsevier, 2011.

MACHADO, Arthur Versiani. **Filmes históricos no ensino de História**. São Paulo: Paco Editorial, 2015.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2011.

PINSKY, Carla. B. e LUCA, Tania R (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

5. Introdução aos Estudos Históricos I

Revisão de conceitos chaves da História e da historiografia (história, História, tempo cronológico, tempo histórico, anacronismo, etc.) Interpretação da relação entre o homem e a História. A historicidade da vida. A história enquanto ciência. Os fundamentos teóricos da História. As noções principais e os conceitos básicos da teoria da História e da prática historiográfica e sua relação com o ensino. Objetividade e subjetividade da História.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, José D' Assunção. **Teoria da História. Vol. I.** Princípios e conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CAIRE-JABINET, Marie-Paule. **Introdução à historiografia.** Bauru/SP: Edusc, 2003.

ROCHA, Ubiratan. Reconstruindo a história a partir do imaginário do aluno. In: NIKITIUK, Sonia M. Leite (org.). **Repensando o ensino de História.** São Paulo: Cortez, 1999.

6. Didática: fundamentos da Educação

Estudo dos fundamentos e processo educacional sócio-político-epistemológico da Didática. Compreensão das principais tendências pedagógicas e a interdependência das concepções de ensino e aprendizagem e sua relação com momento social-político-econômico. Estabelecimento de relações entre as bases teóricas e a prática pedagógica no contexto de ensino. A importância da Didática na formação docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANDAU, Vera Maria. **Rumo a uma nova didática.** Campinas: SP: Vozes, 1988.

CORDEIRO, Jaime. **Didática.** São Paulo, Contexto, 2007.

HAYDT, Regina Celia Cazaux. **Curso de didática geral.** 1. ed. – São Paulo: Ática, 2011.

LIBANEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2008.

7. História da Educação

Teorias, métodos e formação do campo de História da Educação. Estudo analítico do processo educativo com ênfase no contexto dinâmico e complexo no qual estas práticas estão inseridas. Fundamentos da História da Educação na Antiguidade, na Modernidade e na Contemporaneidade. História da Educação Brasileira. A sociedade do conhecimento.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LIBANEO, J. C. **Democratização da escola pública:** a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 2000.

MARCÍLIO, Maria Luiza. **História da escola em São Paulo e no Brasil.** São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.

PILETTI, Claudio; PILETTI, Nelson. **História da Educação.** São Paulo: Ática, 2006.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973).** 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

8. Legislação na Educação Básica

A história das Constituições Brasileiras. O Sistema Escolar Brasileiro. A Educação Básica no Brasil. A legislação de Ensino. A estrutura da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB 92.394/96 e alterações. Estatuto da Criança e do Adolescente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CURY, Carlos Roberto. **Legislação educacional brasileira.** Rio de Janeiro: DP & A, 2000.

DEMO, Pedro. **A nova LDB: ranços e avanços**. São Paulo: Cortez, 1997.

FÁVERO, O. **A Educação nas Constituições Brasileiras**. Campinas/ SP: Autores Associados, 1996.

MENESES, J. G. de C. et al. **Estrutura e funcionamento da Educação Básica**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

OLIVEIRA, S.D. de. **Estatuto da criança e do adolescente**. Rio de Janeiro: D&PA, 2001.

SANTOS, Clóvis Roberto. **Educação Escolar Brasileira: estrutura, administração e legislação**. São Paulo, Thomson, 2003.

1. Metodologia do Trabalho Científico

Compreensão dos tipos de conhecimento que envolve o trabalho científico. O papel da ciência. Métodos e técnicas das ciências. Trabalhos acadêmicos: fichamento; resumo; resumo acadêmico; artigo científico; resenha. A linguagem científica. ABNT: capa/folha de rosto; formatação gráfica do texto; citação; referência bibliográfica; notas de rodapé.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

LAKATOS, Eva M. & MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.

MACHADO, Anna Raquel (coord.). **Resenha**. São Paulo: Parábola, 2014.

SEVERINO, Antonio J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2010.

2. História Antiga

Estudo, análise e reflexão das culturas grega e romana por meio da historiografia antiga e moderna sobre o período, bem como de fontes iconográficas. Reflexão sobre a interface entre a historiografia e a prática de ensino dos conteúdos contemplados (BNCC), além da confecção de recursos didáticos diversificados para utilização em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EYLER, Flávia Maria S. **História Antiga: Grécia e Roma**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e Religião na Grécia Antiga**. São Paulo: Martins Fontes, 2006

VEYNE, Paul. **A sociedade romana**. Lisboa: Edições, 70, 1990.

3. Ensino de História e Cultura Visual no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio

Reflexão acerca da relação história e imagem. Análise e elaboração de dinâmicas didáticas a serem ministradas nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, cujo recurso principal seja a imagem em seus diferentes suportes: quadros, estátuas, painéis, fotografias, etc. Criação de sensibilidade artística como maneira de interpretação da realidade e das fontes históricas de diferentes

épocas. Estímulo à produção de diversos suportes didáticos que permitem a reflexão sobre a História em variados períodos e sua relação com o ensino de História. (PEEH)
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. Arte na educação escolar . 4. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
PAIVA, Eduardo França. História & Imagens . 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2006.
SANTOS, Maria das Graças Vieira Proença dos. História da Arte . 16. ed. São Paulo: Ática, 2004.

4. História do Brasil Colônia II
Análise e discussão sobre a organização econômica, política, social e cultural estabelecida nas terras do Novo Mundo ao longo da Era Moderna até a emancipação da nação brasileira e sua inserção na ordem mundial iniciada com a Revolução Industrial. Elaboração de sequências didáticas sobre o conteúdo (BNCC) a ser ministrado em sala de aula.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
MESGRAVES, Laima. História do Brasil Colônia . São Pulo: Contexto, 2015.
PRADO, Caio Prado. Formação do Brasil Contemporâneo . São Paulo: Brasiliense, (1ª ed. 1942), 1996.
PRADO, Paulo. Retrato do Brasil : ensaio sobre a tristeza brasileira. 9ª ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

5. Introdução aos Estudos Históricos II
Revisão de conceitos chaves da historiografia brasileira. A formação de uma tradição historiográfica nas obras de João Capistrano de Abreu, Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e outros intelectuais. Reflexão acerca das relações entre historiografia e o ensino de História. A Historiografia contemporânea brasileira e sua interlocução com os modelos clássicos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
GONTIJO, Rebeca (orgs.). Cultura política e leituras do passado : historiografia e ensino de história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala : Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal, São Paulo: Global, 2006.
HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil . Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
PRADO Júnior, Caio. Formação do Brasil contemporâneo : Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1987.
RIBEIRO, Darcy. O Povo Brasileiro : a formação e o sentido do Brasil. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

6. Tecnologias Aplicadas a Educação
Introdução à informática educativa. Pesquisas na Internet. Reflexão sobre a qualidade da informação e direitos autorais na era digital. Utilização do editor de textos MS Word na formatação de textos acadêmico-científicos e de aplicativos para geração de referências bibliográficas e citações nas normas ABNT. Criação de apresentações com o MS PowerPoint.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
OLIVEIRA, José Márcio Augusto de. Escrevendo com o computador na sala de aula . São Paulo: Cortez, 2006.
OLIVEIRA, Ramon de. Informática educativa : dos planos e discursos à sala de aula. 10. ed. Campinas: Papirus, 2006.
TAJRA, Sanmya Feitosa. Informática na educação : novas ferramentas pedagógicas. 7. ed. São Paulo: Erica, 2007.

7. Sociologia da Educação
Introdução à análise sociológica do fenômeno educacional. Educação e mudança social. Educação e desigualdades sociais. Reflexão acerca de práticas educativas formais e não formais.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
FORQUIN, J-C. Sociologia da Educação . Petrópolis, Vozes, 1995. TEDESCO, J. C. Sociologia da Educação . São Paulo, Autores Associados, 1995. VIANA, Nildo. Introdução à Sociologia . Belo Horizonte, Autêntica, 2000.

8. Diagnóstico da Realidade do Ensino na Educação Básica
Diagnóstico da realidade escolar numa perspectiva crítica, visando à identificação e à problematização dos aspectos da educação básica brasileira no que tange às relações entre o trabalho e a formação do profissional do século XXI.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
ANTUNES, Celso. Educar em um mundo interconectado . São Paulo: Vozes. 2016. BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001. GATTI, Bernadete Angelina; NUNES, Muniz Rossa (Org.). Formação de Professores para o Ensino Fundamental : estudo de currículos das licenciaturas em pedagogia, língua portuguesa, matemática e ciências biológicas. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/DPE, 2009. GATTI, Bernadete Angelina. Formação de Professores no Brasil: características e problemas . <i>Educação e Sociedade</i> , Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out./Dez. 2010. LIBÂNEO, José Carlos. O Dualismo Perverso da Escola Pública Brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres . <i>Educação e Pesquisa</i> , São Paulo, v. 38, n. 1, p. 13-28, mar. 2012. PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica . In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Org.). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito . São Paulo, Cortez: 2002. p. 17-52

1. Estatística Aplicada a Educação
Razão e objetivos da estatística. Estudo dos conceitos básicos da estatística descritiva para aplicação na análise de situações e problemas da realidade educacional brasileira e dos sistemas de avaliação governamentais (Prova Brasil, Saesp, Saeb, Enem etc). Aplicação de dados estatísticos em sala de aula.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
LEVIN, Jack e FOX, James Alan; Estatística para ciências humanas . 9ª ed.. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2004. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM): relatório pedagógico 2009-2010 . Brasília, 2013. ENEM INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Índice de desenvolvimento da Educação Básica (IDEB): relatório pedagógico . Brasília, 2013. IDESP INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (ANRESC) . (Prova Brasil). Brasília, 2013. INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema de Avaliação da Educação Básica . (SAEB). Brasília. SAEB INEP- Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Programa Internacional de Avaliação de Estudantes-PISA: relatórios, 2000-2015 . Brasília.

SÃO PAULO: Saresp: **Relatório Pedagógico**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2012. SARESP

2. História do Brasil Império I

Busca da compreensão dos processos de formação da sociedade brasileira com enfoque no Primeiro Reinado e o Período Regencial. Observa, também, a formação do professor da Educação Básica com vistas no ensino de História e suas atribuições e o exame de material didático disponível e BNCC. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

COSTA, Emília Viotti. **Da Monarquia a República**: momentos decisivos. 9ª edição. São Paulo: Unesp, 2010.

DOLHNIKOFF, Miriam. **História do Brasil Império**. São Paulo: Contexto, 2017. (REVISÃO)

HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). **O Brasil monárquico**. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 2005. (História Geral da Civilização Brasileira, 5 volumes).

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil 2: império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

3. História Medieval I

Reflexão, análise e debate acerca dos aspectos culturais (políticos, sociais, econômicos) dos períodos conhecidos como Antiguidade Tardia e Alta Idade Média, bem como o detalhamento sobre as especificidades da relação entre os poderes temporal e espiritual. Reflexão sobre a interface entre a historiografia e a prática de ensino dos conteúdos contemplados (BNCC), além da confecção de recursos didáticos diversificados para utilização em sala de aula. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano mil à colonização da América. Rio de Janeiro: Globo, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

CARVALHO, Cibele. **História medieval**. Curitiba/PR: Intersaberes, 2016. (REVISÃO)

FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média**: o nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LE GOFF, Jacques. **A Civilização do Ocidente Medieval**. Bauru/SP: Edusc, 2005.

_____. **Heróis e maravilhas da Idade Média**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

4. Ensino de História e Cultura Musical e Literária no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio
Reflexão acerca da relação história, música e literatura. Análise e elaboração de dinâmicas didáticas, a serem ministradas nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, cujos recursos principais sejam a música e a literatura. Estímulo à criação de letras de música, paródias e textos histórico-literários a serem utilizados em sala de aula. (PEEH)
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
HERMETO, Miriam. Canção popular brasileira e ensino de História . Palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte/MG: Autêntica, 2012.
MARTINS, Leandra Rajczuk. Literatura e ensino de história : construção de novos conhecimentos e resistência por meio de narrativas consensuais. São Paulo: Faculdade de Educação/USP, 2015. (Doutorado)
SOBANSKI, Adriane Quadros (et. al.). Ensinar e aprender história : histórias em quadrinhos e canções. Curitiba: Base Editorial, 2010.

5. Didática: docência
Estudo sobre os tipos de planejamento e sua aplicabilidade. Compreensão da organização dos conteúdos curriculares. Estudos teóricos e práticos dos elementos essenciais do fazer docente: planejamento, relação professor-aluno, a análise de estratégias de ensino e o processo de avaliação. Reflexão sobre as teorias relacionando-as com a prática pedagógica, as competências e habilidades a serem desenvolvidas no contexto atual e os desafios do professor do século XXI.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
HOFFMAN, Jussara. Avaliação: mito & desafio . 10. Ed. Porto Alegre, Mediação, 1993.
LIBÂNEO, José Carlos. O Ensino da Didática, das Metodologias Específicas e dos Conteúdos Específicos do Ensino Fundamental nos Currículos dos Cursos de Pedagogia. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos , Brasília, v. 91, n. 229, p. 562-583, set./dez. 2010.
LIBÂNEO, José Carlos; ALVES, Nilda (Org.). Temas da Pedagogia : diálogos entre didática e currículo. São Paulo: Cortez, 2012.
RIOS, Terezinha. Compreender e ensinar : por uma docência da melhor qualidade. São Paulo: Cortez, 2001.
PERRENOUD, Philippe. Dez novas competências para ensinar . Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.
VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência como Atividade Profissional . In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Profissão Docente: novos sentidos, novas perspectivas . 2. ed. Campinas: Papirus, 2010.

6. Psicologia da Educação
Compreensão do desenvolvimento humano no processo da vida, problematizando aspectos teóricos diferenciados que possibilitem a reflexão no campo da educação e seus desdobramentos. Análise e discussão das abordagens teóricas em Psicologia do Desenvolvimento, ensino e aprendizagem, privilegiando as suas principais explicações sobre os processos educacionais. Interface entre a Psicologia e a prática docente nas questões que tratam das relações sociais em sala de aula e na vida do estudante.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
COLL, César; PALÁCIO, J. Marchesi, A. Desenvolvimento psicológico e educação : Psicologia da Educação. V. I e II. Porto Alegre: Artmed, 1996.
RAPAPORT, Clara R. Psicologia do desenvolvimento : a idade escolar e a adolescência. São Paulo: E.P.U. V.4. 1981.
WITTER, Geraldina Porto; LOMÔNACO, José Fernando B. Psicologia da aprendizagem . São Paulo: EPU, 1984. (Temas básicos de Psicologia; v. 9).

7. Currículo na Educação Básica
Busca da compreensão e análise crítica das diferentes teorias/concepções curriculares e seus fundamentos; estabelecimento de relação entre elementos histórico, cultural, epistemológico, social e ideológico dos currículos; análise dos conceitos de currículo; estudo da Base Nacional Comum Curricular; das Diretrizes Curriculares da Educação Básica e estabelecimento de relação das práticas pedagógicas e as demandas dos currículos da educação contemporânea.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Brasília, 1997. (ensino de 5ª a 8ª série).
BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. Brasília, 1997.
SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.
SILVA, Tomaz Tadeu. Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
1. História da América I
Estudo das principais organizações culturais (maias, incas e astecas) no período que precede a colonização espanhola. Estudo dos processos de conquista e colonização da América Espanhola buscando ressaltar sua vinculação ao movimento de expansão econômica da Europa e a implementação da exploração colonial. Elaboração de dinâmicas de ensino sobre conteúdo a ser ministrado (BNCC). Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)
CARDOSO, Ciro Flamarion S. América Pré-Colombiana. São Paulo: Brasiliense, 2004.
FERREIRA, Jorge Luiz. Incas e Astecas: Culturas Pré-Colombianas. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1991.
GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.
PINSKI, Jaime [Et all]. História da América através de textos. São Paulo: Contexto, 2010. (REVISÃO)
SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli . – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)
2. História do Brasil Império II
Reflexão, por meio das principais correntes historiográficas, das relações políticas e econômicas, sociais e culturais a partir do Segundo Reinado até o advento da República. Orientação sobre possibilidades didático-pedagógicas relacionadas ao conteúdo a ser ministrado (BNCC).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
HOLANDA, Sérgio Buarque de (org). O Brasil monárquico. São Paulo: Difel, 1976. (História Geral da Civilização Brasileira, 5 volumes).

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro: 1808-1850**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NOVAIS, Fernando A. **História da Vida Privada no Brasil 2: império: a corte e a modernidade nacional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997

3. História Medieval II

Exame e discussões acerca dos aspectos culturais (políticos, sociais, econômicos) do período histórico conhecido como Baixa Idade Média, como também análise das problemáticas que envolvem a relação entre os poderes temporal e espiritual até a crise do século XIV. Reflexão sobre a interface entre a historiografia e a prática de ensino dos conteúdos contemplados (BNCC), além da confecção de recursos didáticos diversificados para utilização em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BETHENCOURT, Francisco. **História das Inquisições**. São Paulo; Companhia das Letras, 2000.

BLOCH, Marc. **A sociedade feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.

CARVALHO, Cibele. **História Medieval**. Curitiba/PR: Intersaberes, 2016.

4. Livro didático e paradidático e a prática docente: estratégias pedagógicas

Exame e discussão acerca dos livros didáticos e paradidáticos como instrumentos de apoio do docente e do aluno. Análise das possibilidades do ensino de História tendo estes recursos como base. Formulação de sequências didáticas para ampliação de repertório de atividades a partir dos livros didáticos e paradidáticos de História. (PEEH)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Celso. O uso inteligente dos livros didáticos e paradidáticos. **São Paulo: Editora Paulos, 2012.**

FREITAG, B; MOTTA, V; COSTA, W. **O Livro Didático em Questão**. São Paulo, Cortez, 1997.

VIEIRA, Cassiane Bechelin. **O livro didático e o ensino de história: o que ler, como ler e para que ler**. Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 2009. (Dissertação)

5. Antropologia e cotidiano escolar

A constituição da Antropologia como um saber específico e seu campo de estudo. Primeiras formulações e conceitos básicos: cultura e sociedade. A crítica ao etnocentrismo e o relativismo cultural. A diversidade cultural na escola: os desafios do professor e dos projetos pedagógicos. Elaboração de estratégias pedagógicas para mediação dos conhecimentos referentes à diversidade cultural na escola.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

GOMES, Nilma L. **Educação e diversidade cultural**: refletindo sobre as diferentes presenças na escola. 2008. Disponível em: www.mulheresnegras.org/nilma.html.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LARAIA, R. de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. **Antropologia**: uma introdução. 6. ed. SÃO PAULO: ATLAS, 2006.

6. Filosofia da Educação

Análise de pressupostos filosóficos que fundamentam as concepções de Educação. O homem e suas relações com o mundo. A explicitação dos pressupostos dos atos de educar, ensinar e apreender em relação às situações de transformação cultural da sociedade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANHA, Maria L. de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

GADOTTI, Moacir. **História das Ideias Pedagógicas**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2004.

GHIRALDELLI, Paulo. **O que é Filosofia da Educação**. Rio de Janeiro: DPeA Editora, 2003.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da Educação**: construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.

7. Psicologia da Adolescência

Compreensão do conceito e da ideia de desenvolvimento humano através das principais contribuições teóricas da Psicanálise e da Psicologia concernentes aos processos envolvidos na adolescência. Reflexão sobre os comportamentos característicos do adolescente e suas relações positivas e negativas com fatores biológicos e culturais. Interface entre a Psicologia e a prática docente nas questões que tratam das relações sociais em sala de aula e na vida do adolescente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

PAPALIA, Diane. E, Olds, Sally. W.; Feldman, Ruth. D. **Desenvolvimento Humano**. 8.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEREIRA, Antônio Carlos Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 2005.

RAPPAPORT, Clara Regina. **Encarando a adolescência**. São Paulo: Ática, 2000.

8. Currículo de História na Educação Básica

Análise e debates sobre dos currículos de História e BNCC nas escolas brasileiras entre os séculos XX e XXI e o saber escolar a ser ensinado.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: História. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: Ensino Médio. Secretaria de Educação Média e Tecnologia. Brasília: MEC, 1999.

FONSECA, Thais Nivia de Lima e. **História & Ensino de História**. São Paulo: Autêntica Editora, 2003.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012.

1. Teoria da História I

Estudo do pensamento histórico e de correntes historiográficas dos séculos XVIII e XIX com ênfase na natureza e formas de conhecimento histórico, processos de construção das diferentes escritas da história, bem como a historicidade das representações historiográficas. Revisão de conteúdos/conceitos mediados no ensino de História.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARROS, José D' Assunção. **Teoria da História. Vol. II**. Os primeiros paradigmas: positivismo e historicismo. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GLAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et ali (orgs). **Questões da Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 2000.

2. História do Brasil República I

Compreensão das múltiplas transformações que aconteceram na História do Brasil República entre a Proclamação e o fim da República Velha, nos mais diversos campos (econômico, político, social e cultural), por meio de debates a partir da historiografia e análise de fontes diversas. Produção de recursos didáticos para o ensino de História apoiada na BNCC. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1999.

NAPOLITANO, Marcos. **História do Brasil República**. São Paulo: Contexto, 2016. (REVISÃO)

NOVAIS, F. A. **História da Vida Privada no Brasil 3**. República: da Belle Époque à Era do Rádio. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

SCHWARCZ, L. M. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

3. História da América II

Discussão das principais questões sobre o processo de formação dos Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX e sua constituição como Estado, a expansão territorial e o funcionamento do sistema partidário. Reflexão sobre o processo de independência da América Latina, as formas de dominação capitalistas e suas consequências múltiplas. Confeção de recursos didáticos (BNCC) diversificados para utilização em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CHAUNU, Pierre. **História da América Latina**. São Paulo, Difel, 1983.

GRAY, Wood. **Panorama da História dos Estados Unidos**. New York: Castella, 1982.

IANNI, Octavio. **O labirinto latino-americano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

PRADO, Ligia M. **A formação das nações latino-americanas**. São Paulo: Edusp, 2004.

4. História Moderna I

Problemática das transformações e das permanências nas estruturas materiais, sociais, políticas, econômicas, religiosas e culturais no período que se estende entre a crise do feudalismo no século XIV e as revoluções burguesas no século XVIII. Discussão sobre os processos de formação, consolidação e crise dos Estados Absolutistas, bem como as transformações nas estruturas mentais do Humanismo ao Iluminismo. Produção de recursos didáticos para o ensino de História (BNCC). Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado absolutista**. Tradução João R. Martins Filho. São Paulo, Brasiliense, 2004.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. **A grande revolução inglesa - 1640-1780**. Revolução Inglesa e revolução industrial na construção da sociedade moderna. São Paulo: Departamento de História - USP/Hucitec, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

ELIAS, Norbert. **A sociedade de corte**. Tradução Ana Maria Alves, Lisboa: Editorial

Presença, 1987.

MICELI, Paulo. **História Moderna**. São Paulo: Contexto, 2013. (REVISÃO)

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

5. Sociologia e cotidiano escolar

Apresentação dos princípios explicativos da sociedade moderna, desenvolvendo os conceitos fundamentais da Sociologia, sua origem e seus principais representantes. Averiguação da vivência/experiência de conceitos básicos da Sociologia no cotidiano escolar. Estruturação de estratégias pedagógicas para discussão dos resultados da averiguação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENDIX, R. **Construção nacional e cidadania**. São Paulo: Edusp, 1996.

BENTO, B. Na escola que se aprende que a diferença faz a diferença. In: **Revista Estudos Feministas**. UFSC, Santa Catarina v. 19, n. 2/2011, p.549-559, 2011.

FREUND, Julien. **Sociologia de Max Weber**. 5º. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

COMTE, AUGUSTE. **Curso de Filosofia Positiva**. Seleção de textos de José Arthur Giannotti; trad. de José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, Karl. **O Capital**. 16º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**: ação simbólica na sociedade humana. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

6. Mídias Aplicadas a Educação

O uso de mídias e da comunicação digital na educação como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem. Potencialidades e limites das mídias e da comunicação digital como facilitadoras da educação, interação e construção coletiva do conhecimento. Seleção e uso de *softwares* educativos e de plataformas de comunicação digital.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; MORAN, José Manuel. **Integração das Tecnologias na Educação**. Salto para o Futuro. Brasília: Ministério da Educação – Seed, 2005.

BARBOSA, Ana Mae & AMARAL, L. (org.). **Interterritorialidade**: Mídias, contextos e educação. São Paulo: Senac, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura das Mídias**. São Paulo: Razão Social, 1992.

Sites de apoio:

<http://www.eprinfo.mec.gov.br/> <http://www.tvebrasil.com.br/>
<http://portal.mec.gov.br/midias-na-educacao> <http://rived.mec.gov.br/>
<http://tvescola.mec.gov.br/tve/home> <http://e-proinfo.mec.gov.br/>

7. Ensino de História no Ensino Fundamental (anos finais) e no Ensino Médio

Reflexão acerca da especificidade da prática docente, na área de História, nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Estudo, análise e formulação de metodologias para o planejamento de projetos e sequências didáticas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENTO, Luiz Carlos. **História e ensino de História**. As perspectivas do saber histórico e sua culminância para o desenvolvimento de um projeto de homem. São Paulo: Paco Editorial, 2010.

BITTENCOURT, Circe Maria F. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Ed Cortez, 2004.
 _____. (Org.). **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

JÚNIOR, Roberto Catelli. **Temas e linguagens da História**. Ferramentas para a sala de aula no Ensino Médio. São Paulo: Scipione, 2009.

SILVA, Marcos (Org.). **História: que ensino é este?** Campinas/SP: Papirus, 2016.

1. Pesquisa e Ensino I

Fundamentação de conhecimentos teóricos e práticos para a execução da pesquisa, do acesso à interpretação dos dados para a redação do texto científico e a transposição da teoria para a prática em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DEMO, Pedro. **Pesquisa, Princípio Científico e Educativo**. São Paulo: Cortez, 1992.

_____. **Metodologia da investigação em Educação**. Curitiba/PR: InterSaberes, 2013.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba/PR: InterSaberes, 2013.

REA, L. M.; MONTINGELLI JR., N.; PAKER, R. A. **Metodologia de Pesquisa: do planejamento à execução**. São Paulo: Pioneira, 2002.

2. História do Brasil República II

Compreensão das múltiplas transformações que aconteceram na História do Brasil República entre a Era Vargas e a Nova República, nos mais diversos campos (econômico, político, social e cultural), por meio de debates a partir da historiografia e análise de fontes diversas. Produção de recursos didáticos para o ensino de História (BNCC).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARNS, Don Paulo Evaristo. **Brasil nunca mais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SCHWARCZ, Lila Motriz (org.) **História da vida privada no Brasil** – Contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Cia das Letras, 1998. vol.4.

REIS FILHO, Daniel Arão. **O século XX o tempo das certezas: da formação do capitalismo a primeira grande guerra**. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

3. História Moderna II

A análise das revoluções burguesas do século XIX, principalmente na França após Napoleão Bonaparte e a construção do Imperialismo na África, na Ásia e na América. A leitura das leis da economia clássica até os socialistas utópicos e científicos, passando, ainda, pelo anarquismo e pela formação dos monopólios, cartéis, trustes e holdings. Produção de recursos didáticos para o ensino de História (BNCC).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRAUDEL, Fernand. **Civilização Material e Capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 3 Vols., 1995.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HUBERMAN, Leo. **História da Riqueza do Homem**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

4. Teoria da História II
Estudo do pensamento histórico e de correntes historiográficas dos séculos XIX e XX com ênfase no marxismo, Escola dos Annales, Nova História, História Social Inglesa e correntes historiográficas recentes. Revisão de conteúdos/conceitos mediados no ensino de História.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BARROS, José D'Assunção. Teoria da História. Vol. V. A Escola dos Annales e a Nova História. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.
BURKE, Peter. A escola dos Annales -1929-1989. A Revolução francesa da Historiografia. São Paulo: Unesp, 1991.
BLOCH, Marc. Apologia da História. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: Unicamp, 1994.
5. Ensino de História em ambientes não formais de aprendizagem
Estudo, análise e caracterização de metodologias e dinâmicas didáticas próprias para o ensino de História em ambientes não formais de aprendizagem (museus, centros culturais, espaços turísticos, etc.).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
GHON, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo, Cortez, 2005.
MACMANUS, Paulette. Educação em Museus: pesquisas e práticas. São Paulo: FEUSP, 2013.
PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. Educação não formal: contextos, percursos e sujeitos. Holambra, São Paulo: Setembro, 2005.
SIMSON, O. R. D. M. V; PARK, M. B; FERNANDES, R. S. Educação não formal: cenários da criação. Campinas: Unicamp, 2001.
6. Ensino de História e Arte
Levantamento, definição e reflexão sobre os estágios de desenvolvimento das artes visuais, incluindo a arte brasileira, bem como os seus aspectos históricos e culturais relacionados às concepções estéticas de cada período. Relação história, ensino e arte. Elaboração de sequências didáticas sobre o conteúdo a ser ministrado em sala de aula (BNCC).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BURKE, Peter. Testemunha ocular: história e imagem. Florianópolis: Edusc, 2004.
CALADO, Isabel. A utilização educativa das imagens. Lisboa: Editora Porto, 1994.
COSTA, C. Questões de Arte. São Paulo: Moderna, 2004.
GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.
WÖLFFLIN, H. Conceitos Fundamentais da História da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
7. Patrimônio Histórico-Cultural e a prática docente
Análise da trajetória histórica do conceito de patrimônio no Ocidente e no Brasil, bem como a busca pelo conhecimento e compreensão do que são os bens materiais e imateriais. Patrimônio cultural e a sala de aula: possibilidades didáticas. Discussão sobre a Educação Patrimonial com a elaboração de um projeto de patrimônio local e ensino.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BESSEGATO, Maurí Luiz. **O Patrimônio em Sala de Aula:** fragmentos de ações educativas. Santa Maria, RS: Evangraf / UFSM, 2004.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio.** São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é Patrimônio Histórico.** São Paulo: Brasiliense, 2006.

MARCHETTE, Tatiana Dantas. **Educação patrimonial e políticas públicas de preservação no Brasil.** Curitiba/PR: InterSaberes, 2016.

8. Planejamento e gestão da escola e da sala de aula

Estudo dos elementos constituintes do Projeto Político Pedagógico e sua relação com a gestão da escola e da sala de aula. Reflexão e debate acerca da gestão da sala de aula em seu tripé: gestão da aprendizagem, gestão da conduta e gestão da interação cultural. Elaboração de estratégias pedagógicas pautadas na gestão da sala de aula. Orientação de estágio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BACILA, Carlos Roberto. **Nos bastidores da sala de aula.** Curitiba/PR: InterSaberes, 2014.

VEIGA, Ilma P. A.; FONSECA, Marília (Orgs.) **As dimensões do projeto político pedagógico.** Novos desafios para a escola. Campinas/SP: Papirus, 2001.

WEINSTEIN, C. S.; NOVODVORSKY, I. **Gestão da sala de aula:** lições da pesquisa e da prática para trabalhar com adolescentes. 4. ed. Porto Alegre: AMGH, 2015.

I. Pesquisa e Ensino II

Estudo do referencial teórico-metodológico e didático necessário ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa e ensino, com vistas a estimular a produção científica e sua aplicabilidade em sala de aula (transposição teoria-prática).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em Educação:** uma abordagem teórico-prática dialogada. Curitiba/PR: InterSaberes, 2014.

LÜDKE, Menga (Coord.). **O professor e a pesquisa.** Campinas/SP: Papirus, 2015.

MEKSENAS, P. **Pesquisa social e ação pedagógica:** conceitos, métodos e práticas. São Paulo: Loyola, 2002.

2. História Contemporânea I

Apresentação, aprofundamento e reflexão sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais e ideológicos constitutivos do processo histórico dos séculos XVIII e XIX, do início da Revolução Francesa ao pensamento liberal. Elaboração de sequências didáticas sobre o conteúdo (BNCC) a ser ministrado em sala de aula. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

HOBBSAWM, Eric. **A era das revoluções.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

IGLESIAS, Francisco. **A revolução Industrial.** São Paulo: Brasiliense, 1981.

MORAES, Luís Edmundo. **História Contemporânea: da Revolução Francesa à Primeira Guerra mundial**. São Paulo: contexto, 2017. (REVISÃO)

RÉMOND, René. **O século XIX: 1815-1914**. Introdução à história do nosso tempo. São Paulo: Cultrix, 1997.

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

3. História da África

Reflexão acerca dos conteúdos relacionados à legislação que delibera sobre o ensino desta temática, bem como a análise de fontes primárias e historiográficas sobre a África e sua relação com o Brasil. Elaboração de sequências didáticas sobre o conteúdo (BNCC) a ser ministrado em sala de aula. Revisão dos conteúdos contemplados no Ensino Fundamental e Médio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BACELAR, Jefferson. **Faces da tradição afro-brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, SEB, 2016. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf. (REVISÃO)

FREIRE, P. **A África Ensinando a Gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

MATOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2007. (REVISÃO)

SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo/Ciências Humanas e suas tecnologias**. Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Paulo Miceli. – 1. ed. atual. – São Paulo: SE, 2012. (REVISÃO)

SILVÉRIO, V. R. **Síntese da História Geral da África: Pré-História ao século XVI**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013.
_____, V. R. **Síntese da História Geral da África: século XVI ao século XX**. Brasília: UNESCO, MEC, UFSCAR, 2013.

4. LIBRAS

A historicidade da educação dos surdos: aspectos legais, os movimentos culturais, políticos e sociais. A diferença entre linguagem e língua e as implicações para se pensar os processos identitários. A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) em suas singularidades linguísticas e seus efeitos sobre o desenvolvimento, aquisição da língua(gem) e produções culturais. O processo de inclusão dos deficientes auditivos e/ou surdos nas escolas e suas particularidades na aprendizagem. Teoria e prática da LIBRAS.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALBRES, N. A. **Surdos & inclusão Educacional**. Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2010.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira** – Libras, volume I: sinais de A a L e volume II: sinais de M a Z. São Paulo: Edusp, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus Editorial, 2006.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. **Estudos Linguísticos: a língua de sinais brasileira**. Editora ArtMed: Porto Alegre. 2004.

5. Gestão e Documentação de Acervos Museológicos na escola

Apresentação e reflexão sobre os sistemas museológicos, seus processos de gestão técnica, documentação, catalogação, preservação, pesquisa e ensino. Planejamento de projetos para criação

e museus em escolas para preservação e divulgação da identidade e cultura escolar.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BARCELLOS, Guy Barros. Manual de implantação de museus escolares . Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.
BOYLAN, Patrick J. (Org.). Como gerir um Museu . Manual Prático. Paris: ICOM-UNESCO, 2004.
MANSON, Timonhy. Gestão Museológica: desafios e práticas . São Paulo: USP/British Council, 2004.

6. Ensino de História e Cultura Indígena na Educação Básica
Estudo sobre os povos indígenas do Brasil com enfoque para a cultura e suas manifestações (etnias, línguas, legislação, arte, religião, crenças e mitos) e o ensino da temática. Análise e debate sobre as legislações vigentes a respeito da educação escolar indígena (suas perspectivas e tendências em termos federal e estaduais). Formulação de sequências didáticas com a temática indígena (BNCC).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CUNHA, Manuela. História dos índios no Brasil . São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Novos temas nas aulas de História . São Paulo, Editora Contexto, 2009.
SILVA, Aracy Lopes, GRUPIONI, Luis Donisete (Org.). A temática indígena na escola . Novos subsídios para professores de 1 e 2 graus. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.
FUNARI, Pedro Paulo; PÍÑON, Ana. A temática indígena na escola . Subsídios para os professores. São Paulo: Contexto: 2011.

7. Ensino de História: oficinas em sala de aula
Transposição da teoria historiográfica para a prática do ensino de História. Planejamento e execução de oficinas de recursos didáticos a serem realizadas em sala de aula do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio. Orientação de estágio.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CERRI, Luis Fernando. Oficinas de ensino de história: pontes de didática da história na transição do currículo de formação de professores . Educar, Curitiba, Editora UFPR, n. 27, p. 221-238, 2006.
CUNHA, Maria Isabel. O bom professor e sua prática . Campinas/SP: Papirus, 1992.
VIEIRA, Elaine; VALQUIND, Lea. Oficinas de Ensino: O quê? Por quê? Como? Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

8. Avaliação do desempenho escolar e o desenvolvimento profissional
Estudo e análise dos tipos de avaliação do conhecimento escolar. Reflexão sobre os objetivos das diferentes formas de se avaliar. Estudo e análise dos tipos e objetivos de avaliações de rendimento escolar (IDESP, SARESP, ENEM).
BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ENEM: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem>
 ENADE: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade>
 IDEB: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb>
 IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp
 PROVINCIA BRASIL: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil>
 SAEB: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>
 SARESP: <http://www.educacao.sp.gov.br/saresp>

1. Pesquisa e Ensino III

Aprofundamento e conclusão do estudo do referencial teórico-metodológico e didático necessário ao desenvolvimento do trabalho de pesquisa e ensino, com vistas a estimular a produção científica e sua aplicabilidade em sala de aula (transposição teoria-prática).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas/SP: Papirus, 2001.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

2. Filosofia Política

Análise de questões da filosofia política. As grandes concepções de política da tradição filosófica. Discussão de temas de filosofia política e também suas relações com a ética.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERTEN, André. **Filosofia Política**. Tradução Márcio Anatole de Souza Romeiro. São Paulo: Paulus, 2004.

PETRUCCIANI, Stefano. **Modelo de filosofia política**. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 2014.

RAMOS, Flamarion; MELO, Rúrion; FRATESCHI, Yara (Coord.). **Manual de Filosofia Política para os cursos de Teoria do Estado e Ciências política, Filosofia e Ciências Sociais**. São Paulo: Saraiva, 2012.

3. História Contemporânea II

Estudo e reflexão sobre os aspectos sociais, econômicos, culturais e ideológicos constitutivos do processo histórico do século XX, do início do novo século à era da globalização. Elaboração de sequências didáticas sobre o conteúdo (BNCC) a ser ministrado em sala de aula.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos Extremos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

PROST, Antoine (org.). **História da Vida Privada**: da 1ª Guerra aos nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

4. História Regional

Análise deste campo de pesquisa como uma vertente historiográfica. Reflexão sobre as correntes historiográficas, metodológicas e técnicas de pesquisa para a produção de uma história regional.

assim como procura explicitar como se dá a pesquisa de campo e o trato das fontes regionais. Produção de recursos didáticos para o ensino de História.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CALLAI, Helena Copetti; ZARTH, Paulo Afonso. O estudo do município e o ensino de História e Geografia . Ijuí- Rs: UNIJUI, 1998.
BARROS, José D'assunção. O campo da História : especialidades e abordagens. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.
NEVES, Erivaldo Fagundes. História Regional e Local no Brasil : fontes e métodos da pesquisa histórica regional e local. Feira de Santana/ Salvador, UEFS/ ed. Arcádia, 2002.
5. Ensino de História: projetos transdisciplinares
Reflexão sobre a importância da transdisciplinaridade para a aquisição, construção e aprofundamento de conceitos próprios da História. Planejamento de projetos transdisciplinares como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem da História a serem aplicados nos Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio. Orientação de estágio.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
BENDER, Willian N. Aprendizagem baseada em projetos : Educação diferenciada para o século XXI. Porto Alegre/RS: Penso/Grupo, A, 2014.
FAZENDA, Ivani C. A. (org.). Didática e interdisciplinaridade . Campinas/SP: Papirus, 1998.
MORAES, Maria Cândida. Transdisciplinaridade, criatividade, educação . Fundamentos ontológicos e epistemológicos. Campinas?SP: Papirus, 2016.
NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro . Pedagogia dos projetos: etapas, papéis e atores . São Paulo: Érica, 2005.
6. Ensino de História e Cultura Contemporânea
Análise de questões relevantes para a história do tempo presente por meio do questionamento de temáticas variadas que visam contribuir para a formação crítica do licenciado em História. Discussões e seminários a partir de fatos histórico-culturais divulgados nas diferentes mídias na contemporaneidade. Ressalta-se que cultura é entendida aqui em sua máxima extensão: aspectos políticos, econômicos, religiosos e sociológicos.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
CHAUVEAU, Agnes; TETART, Philippe. Questões para a história do presente . Bauru/SP: Edusc, 1999.
LOHN, R.L.; SILVIA, V. L. G.; OLIVEIRA, M. R.. Uma história do tempo presente na sala de aula : construção de estratégias didáticas para o Ensino Médio. Florianópolis/SC: UFSC, 2015. (Dissertação de Mestrado)
PORTO JR., G. (org.). História do tempo presente . Bauru/SP: Edusc, 2007.
7. Educação e Inclusão
Estudo e reflexão sobre a Educação Inclusiva destacando a sua definição e a trajetória histórica deste modelo educacional. Apreciação e análise dos documentos que deram origem a este novo paradigma e as leis que regem sua estabilização. Estudo dos textos atuais sobre a nomenclatura da Inclusão Escolar adequando-a a nova realidade educacional. Destaque à formação do professor frente à nova realidade educacional. Apontamentos sobre a importância da compreensão da inclusão social como pré-requisito para Inclusão Escolar.
BIBLIOGRAFIA BÁSICA
MACHADO, Rosângela. Educação Especial na Escola Inclusiva : políticas, paradigmas e prática. 1ª.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão Escolar : O que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da Inclusão . In: Mídia e deficiência, Brasília: Agência de Notícias dos Direitos da Infância e Fundação Banco do Brasil, 2003.

